

**Circuitos Expositivos Alternativos**  
**Proposta de um Evento Artístico-cultural para a Cidade de Lisboa**

**Joana Inês Neto Ferreira**

**Trabalho de Projeto de Mestrado em Museologia**

**Fevereiro, 2019**

**Circuitos Expositivos Alternativos**  
**Proposta de um Evento Artístico-cultural para a Cidade de Lisboa**

**Joana Inês Neto Ferreira**

**Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Museologia realizado sob a orientação científica da Prof. Doutora Raquel Henriques da Silva e a coorientação da Prof. Doutora Maria Luísa Soares de Oliveira**

**Fevereiro, 2019**



**Resumo:** O presente ensaio visa propor a organização de um evento artístico-cultural sem fins lucrativos na cidade de Lisboa, que, recusando um formato institucional, tem o principal objetivo de criar novas condições de trabalho ao artista, reconhecendo o seu papel enquanto comissário ou curador. Apoiando uma identidade não institucionalizada, o projeto incluirá um ciclo de exposições em espaços informais, onde, potenciando outras formas de construção, os artistas atuarão segundo modelos de funcionamento mais autónomos em relação às entidades – museus e galerias – tradicionais de exibição e circulação das artes.

**Palavras-chave:** Arte, Artista-curador, Crítica Institucional, Organização de Eventos.

**Abstract:** This essay aims to propose the organization of a non-profit artistic and cultural event in Lisbon, which, by refusing an institutional format, wishes to create new work environment for the artist, recognizing his role as commissioner or curator. By supporting a non-institutionalized identity, the project will include a cycle of exhibitions in informal spaces, where, by promoting other construction forms, the artists would act according to more autonomous functioning models regarding traditional institutions - museums and galleries - of traditional art exhibition and circulation.

**Keywords:** Art, Artist-curator, Institutional Critique, Event Organization.

# Índice

1.	Introdução.....	1
2.	Enquadramento Histórico.....	3
2.1	A Zé dos Bois.....	3
2.2	O Lisboa Fora de Horas.....	4
2.3	O Caldas Late Night.....	5
2.4	O W.C. Container.....	6
2.5	A Caldeira 213.....	7
2.6	O Lisboa Capital do Nada.....	8
2.7	O Salão Olímpico.....	10
2.8	A Kunsthalle Lissabon.....	11
3.	O Projeto.....	13
3.1	Conceito: Origens e Influências.....	13
3.2	Caraterização.....	17
3.3	Missão.....	19
3.4	Objetivos.....	19
3.5	Áreas de Atuação.....	20
3.6	Localização.....	23
3.7	Data.....	28
3.8	Tema.....	29
3.9	Artistas.....	30
3.10	Espaços.....	33
3.11	Obras.....	37
3.12	Análise <i>SWOT</i> .....	39
4.	Conclusão.....	41
	Referências Bibliográficas.....	43
	Anexo 1: Mapa de Alcântara.....	47
	Anexo 2: Conversa com João Mourão.....	48
	Anexo 3: <i>Open Call for Artists</i> .....	53
	Anexo 4: <i>Open Call for Spaces</i> .....	54
	Anexo 5: CML – Guia Prático de Apoios ao Setor Cultural.....	55
	Anexo 6: CML – Documentos a Entregar para a Oficialização da Proposta.....	73

## Lista de Figuras

Figura 1 - Uma das instalações numa das casas de habitação que fez parte da décima nona edição de festival <i>Caldas Late Night</i> que se realizou entre os dias 29 e 31 de Maio de 2015. ....	6
Figura 2 - <i>Bel Canto</i> de Catarina Campino, uma das performances apresentadas no <i>Lisboa Capital do Nada - Marvila 2001</i> . ....	9
Figura 3 - Naufus Ramírez-Figueroa na preparação da sua exposição <i>Shit Baby and The Crampled Girafe</i> na <i>Kunsthalle Lissabon</i> , onde utilizou a galeria como estúdio até à sua inauguração. ....	12
Figura 4 – Fotografia da exposição <i>First Papers of Surrealism</i> que mostra a instalação <i>His Twine</i> de Marcel Duchamp de 1942. ....	14
Figura 5 - Henry Flynt recita <i>From Culture to Veramusment</i> num apartamento em Nova Iorque a 28 de Fevereiro de 1963. ....	16
Figura 6 - Silos das Ceres, uma antiga fábrica de moagem de trigo, é hoje um contentor criativo de sete andares e cerca de 5000m <sup>2</sup> que serve de estúdio a vários artistas nas Caldas da Rainha. ....	22
Figura 7 - O lote do <i>Lx Factory</i> em Alcântara, Lisboa.....	24
Figura 8 - O espaço do <i>The Village Underground</i> em Alcântara, Lisboa. ....	25
Figura 9 - Jovens artistas, estudantes da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha, reúnem-se na primeira reunião aberta para discutirem a organização da décima oitava edição do festival <i>Caldas Late Night</i> em 2014. ....	32
Figura 10 - Exposição Coletiva do 2º ano de Artes Plásticas do ano letivo de 2014/2015 em que os alunos expuseram trabalhos nas lojas desocupadas do Centro Comercial D. Carlos I antes da décima nona edição do <i>Caldas Late Night</i> , iniciativa intitulada de <i>Pré-Caldas</i> . ....	36
Figura 11 - A performance <i>OPERA III</i> inserida no programa <i>Zero Zeugma</i> , um projeto artístico que decorreu durante a décima nona edição do festival <i>Caldas Late Night</i> e ocupou cinco pisos dos Silos Contentor Criativo – uma antiga fábrica de moagem de trigo.....	38

## 1. Introdução

O presente ensaio visa propor a organização de um evento artístico-cultural sem fins lucrativos em Lisboa, que, recusando um formato institucional, tem o principal objetivo de criar novas condições de trabalho ao artista, reconhecendo o seu papel enquanto comissário ou curador.

O artista-curador, também reconhecido como artista-comissário, figura em destaque na afirmação de uma cultura informal no panorama artístico português a partir dos anos noventa, remete para aquele que, ao organizar exposições por iniciativa própria, mantém um papel ativo na sua produção.

Nas exposições auto-organizadas e geridas por artistas é possível reconhecerem-se formas de funcionamento e produção distintas do sistema institucional, revelando uma maior flexibilidade e criatividade na sua realização.

Ao negarem uma lógica institucional, estas iniciativas são frequentemente organizadas em espaços informais, tais como casas de habitação, *ateliers*, locais de trabalho, espaços em desuso cedidos pelos proprietários, ou até mesmo em espaço público, contribuindo para uma maior democratização da atividade artística independente e para a dinamização de novos espaços de produção e receção das artes.

Assim, a presente dissertação compreenderá o principal objetivo de delinear, como já foi mencionado, um evento artístico-cultural que, concentrando-se na valorização do artista-curador e no aproveitamento de estruturas alternativas para uso criativo, consiga dar visibilidade a jovens artistas emergentes, a novas tendências e a espaços informais de exposição, contribuindo, desta forma, para a afirmação de uma cultura artística independente –

ainda pouco desenvolvida na capital.

Na tentativa de alcançar este objetivo, outros específicos terão de ser alcançados, como a identificação de uma zona, em território lisboeta, que consiga favorecer tanto o festival como a área redundante; a fixação de uma data que, considerando, uma série de fatores internos e externos ao evento, consiga dar resposta às suas necessidades; a definição de um modelo temático de exposição com que os participantes se consigam facilmente relacionar, assim como, a estipulação de critérios de participação e seleção que, o menos hierarquizáveis possíveis, não entrem em confronto com a natureza do festival.

Na primeira parte serão considerados alguns projetos que, de acordo com o tema da presente dissertação, contribuíram para o reconhecimento de uma geração de artistas independentes, aqueles que vieram a organizar, muitas vezes, sem o apoio de instituições, iniciativas que, como já mencionei, se vieram a desenvolver fora do circuito museológico e galerístico.

Na segunda parte será apresentada e planificada a proposta, ainda em aberto, do festival, aquele que pretenderá dar expressão ao fenómeno artístico alternativo que se veio a revelar, ainda que não o suficiente, nos últimos anos em território nacional. Aqui elencar-se-ão as suas origens e influências, nomear-se-á a sua natureza, estabelecer-se-ão objetivos, indicar-se-ão algumas orientações iniciais da sua localização, data, temas, espaços e obras, e, por fim, elaborar-se-á uma análise *SWOT* de forma a conhecermos os seus pontos fortes e fracos, bem como as suas oportunidades e ameaças.

Com o intuito de vir a conciliar a minha licenciatura em Artes Plásticas na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha com o mestrado em Museologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, a presente proposta teve como base o evento artístico-cultural *Caldas Late Night*, um ciclo de exposições informais que se realiza todos os anos na cidade.

## 2. Enquadramento Histórico

Uma maior atenção foi dada às propostas artísticas independentes – alternativas a uma lógica institucional – a partir dos anos noventa em Portugal. A sua confirmação encontra-se, por exemplo, em Sandra Vieira Jürgens, autora de *Instalações Provisórias: Independência, autonomia, alternativa e informalidade. Artistas e exposições em Portugal no século XX*, quando, referindo-se à cultura expositiva informal dos anos noventa, afirma *que sempre existiram iniciativas de oposição dos artistas ao sistema galerístico e museológico, e que nesse aspecto este movimento se filia em experiências anteriores, [mas] a verdade é que nem sempre tiveram uma expressão tão forte nem uma intensidade tão significativa* (JÜRGENS, 2016, p.387) [como a partir desta década].

Segundo a autora, o impacto que a crise do mercado de arte causara, nomeadamente, no circuito galerístico comercial, causando o abrandamento da sua atividade nos finais da década anterior e a fraca recetividade das instituições pelas práticas de cariz experimental, foram alguns dos fatores que impulsionaram a organização destas iniciativas (JÜRGENS, 2016, p.389-393). Ao reclamarem uma maior autonomia artística face à instituição, os artistas virão a realizar, como iremos ver, uma série de propostas que, alternativas aos circuitos de exposição dos museus e galerias, atuaram segundo métodos de trabalho diferentes, o que refletirá numa maior flexibilidade e criatividade na sua organização.

### 2.1 A *Zé dos Bois*

Considerado um dos primeiros espaços associativos fundado por jovens artistas a abrir portas em Lisboa, a *Zé dos Bois*, ainda ativa, afirma-se como uma associação sem fins lucrativos que tem por objetivo promover a criação, produção e divulgação da arte contemporânea. Desde a sua inauguração em 1994, passou pela Rua da Vinha no Bairro Alto, pela ocupação de dois andares que lhe foram cedidos na Rua de São Paulo no Cais do Sodré e pela Rua da Atalaia, para se vir estabelecer, até à atualidade, na Rua da Barroca, no edifício do antigo Palácio Baronesa de Almeida (JÜRGENS, 2016, p.500). Ao oferecer uma programação na área da arte contemporânea que privilegia a colaboração dos artistas na sua organização, a *Zé dos Bois* foi um dos poucos espaços com esta característica a apresentar-se publicamente na década de noventa na capital e é hoje uma entidade de referência no contexto cultural português. Foi responsável pela dinamização de locais como a Casa de Móveis Olaio e a Litografia de Portugal, onde decorreram, na

primeira, a exposição *X-Rated*<sup>1</sup> e, em ambas, a segunda edição do *Festival Atlântico*<sup>2</sup> em 1997, com o subtítulo *O Corpo na Sociedade Pós-Moderna: Manipulações e Limites*; ou as antigas instalações das lojas Novo Figurino e Ana Salazar, assim como o edifício do antigo jornal *A Capital*, espaços que receberam a edição de 1999 do *Festival Atlântico*<sup>3</sup>, este com o tema *Sensibilidade Apocalíptica* (*Ibidem*).

Hoje, o atual edifício é composto pela Livraria Letra Livre no rés-do-chão, uma galeria de 800m<sup>2</sup> que se distribui pelo primeiro e segundo pisos, dois bares, uma esplanada, e uma série de escritórios, estúdios e *ateliers*. Ainda que o seu caráter (anti)institucional – afirmado nos primeiros anos de abertura – tenha vindo a perder a sua intensidade, dado os apoios e colaborações que a galeria tem feito com outras instituições, a sua organização ainda nos oferece uma programação multidisciplinar em que se conjugam diferentes áreas no âmbito das artes visuais, performativas e da música.

## **2.2 O Lisboa Fora de Horas**

Em 1995, Graça Passos<sup>4</sup> e Francisco Vaz Fernandes<sup>5</sup> apresentaram o projeto *Lisboa Fora de Horas*<sup>6</sup> incluindo uma série de exposições de arte que foram distribuídas por vinte e duas casas particulares de Lisboa. Organizado pelo Centro de Estudos de Novas Tendências Artísticas ou C.E.N.T.A, segundo Luísa Soares de Oliveira *um espaço inter-*

---

<sup>1</sup> Organizada por Pedro Cabral Santo na antiga Casa dos Móveis Olaio, fizeram parte da exposição os artistas: Alice Geirinhas, Carlos Roque, Catarina Crespo, João Fonte Santa, Gilberto Reis, Heitor Fonseca, Inês Carolina, José Guerra, Nuno da Silva, Paulo Carmona, Paulo Mendes, Pedro Cabral Santo, Rui Toscano, Tiago Batista e Xana.

<sup>2</sup> A segunda edição do *Festival Atlântico* contou com a participação de artistas nacionais e internacionais, entre eles, Cléo Dubois, Gilberto Reis, Günter Brus, Marcel.Ií Antúnez, Nan Goldin, Orlan, Paula Soares, Paulo Henrique, Paulo Mendes, entre outros.

<sup>3</sup> A terceira edição do *Festival Atlântico* contou com a participação de artistas nacionais e internacionais, entre eles, Alexandre Estrela, Antoni Muntadas, David Hoffos, Guillermo Gómez- Peña, H.R. Giger, Miguel Palma, Miguel Soares, Paulo Mendes, Pedro Cabral Santo, Philippe Meste, entre outros.

<sup>4</sup> Nos dias 2017-09-25 e 2017-10-10 foram feitos dois pedidos de informação e bibliografia referentes ao projeto Lisboa Fora de Horas, via email, à Graça Passos, a qual me retornou com dois artigos da sua autoria escritos para um jornal local do Algarve. Ambos os artigos, um intitulado de A minha vida, a campanha eleitoral e o murro na mesa e o outro Cultura – contributos para uma reflexão, ainda que de alguma relevância para a presente dissertação, não foram suficientemente reveladores de forma a conseguirem apoiar a natureza do Lisboa Fora de Horas.

<sup>5</sup> No dia 2018-30-07 foi feito de um pedido de convocação de uma entrevista ao Francisco Vaz Fernandes de forma a obter mais informação que conseguisse apoiar a organização e realização do Lisboa Fora de Horas, contudo, até à data, não foram obtidas quaisquer respostas.

<sup>6</sup> O projeto contou com mais de uma centena de artistas, entre eles, Abel Neves, Adília Lopes, Alice Geirinhas, Ana Jotta, Catarina Campino, Catarina Palma, Edgar Massul, Edgar Pêra, Filipa Mascarenhas, Filip Cabau, Francisco Vaz Fernandes, Graça Passos, João Fonte Santa, João Galante, João Santa-Rita, Jorge Queirós, Jorge Palmeirim, José Drummond, Luís Narciso, Noé Sendas, Paulo Mendes, Rui Calçada Bastos, Ruy Otero, Rui Toscano, Sara Dionísio, Teresa Villaverde, Vera Mantero, entre outros.

*disciplinar vocacionado para acolher residências artísticas, com espetáculos e exposições (...) que funcionou na Tapada da Tojeira, perto de Vila Velha de Ródão, entre 1989 e 2008 (OLIVEIRA, 2014)<sup>7</sup>, a iniciativa contou com mais de uma centena de artistas que, durante a noite de 29 de Setembro do mesmo ano, abriram as portas das suas casas com exposições de arte contemporânea.*

### **2.3 O *Caldas Late Night***

A comunidade caldense recebeu a primeira edição do *Caldas Late Night* em 1997, iniciativa dos alunos que frequentavam a Escola Superior de Tecnologias, Gestão, Arte e Design<sup>8</sup> das Caldas da Rainha. Atravessando gerações, o evento ainda se realiza uma vez por ano na cidade, altura em que os alunos abrem as suas casas com exposições, concertos, conversas, debates, *workshops* e uma série de novas intervenções artísticas, compreendendo expressões como as artes plásticas, as artes visuais, as artes performativas e o *design*. A primeira edição contou com a participação de catorze casas de habitação, incluindo a residência de estudantes do Instituto Politécnico de Leiria, onde se vieram então a expor uma série de trabalhos de alunos fora do circuito institucional.

Ao longo dos anos, a colaboração com a comunidade, aquela que tem vindo a apoiar o projeto, em conjunto, com outras entidades responsáveis, como a Câmara Municipal das Caldas da Rainha ou a Escola Superior de Artes e Design, tem sido parte essencial na sua organização na medida em que uma variedade de espaços, grande parte não institucionais, como cafés, lojas, fábricas ou até o parque da cidade, a praça da fruta e a antiga praça do peixe, são cedidos de forma a serem dinamizados com estas iniciativas.

Foram vários os artistas que se formaram na ESAD e participaram no *Caldas Late Night*, como Carlos Bunga, um dos artistas mais relevantes das artes nacionais, ou, mais recentemente, o jovem João Gabriel Pereira, que conta já com um vasto leque de exposições.

As inscrições para participar no evento são feitas *online*, assim que o formulário é disponibilizado no *website* do projeto, e aí serão pedidas informações referentes ao perfil do participante, como o nome, email, número de telemóvel; à obra, como o título, a tipologia e a descrição; e ao espaço, como o endereço, a necessidade de licenças, o(s)

---

<sup>7</sup> Artigo disponível em <<https://www.publico.pt/2014/08/22/culturaipilon/noticia/salvar-o-corpo-1666794>> [Consult. 2018-01-17].

<sup>8</sup> Hoje Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha.

dia(s) de participação e o(s) horário(s) do(s) espaço(s); assim como é divulgado o regulamento do festival. Após o encerramento das inscrições e a aprovação de trabalhos, é entregue aos artistas o material necessário à sua participação, incluindo a sinalização que identifica o local de exposição, as licenças solicitadas, bem como o mapa com todas as iniciativas e horários de funcionamento, o qual será igualmente divulgado *online* e distribuído ao público por toda a cidade.

O evento assinalou o ano passado o seu vigésimo segundo aniversário e contou com mais de cem intervenções, das quais sessenta foram realizadas em casas de estudantes da universidade.



Figura 1 - Uma das instalações numa das casas de habitação que fez parte da décima nona edição de festival *Caldas Late Night* que se realizou entre os dias 29 e 31 de Maio de 2015.

Mais do que um estímulo ao desenvolvimento de diversas tendências e manifestações artísticas, o *Caldas Late Night* é o evento que mais visitantes traz à cidade, servindo, igualmente, como meio para a divulgação de novos talentos e espaços informais de exposição.

## **2.4 O *W.C. Container***

No Porto, o projeto *W.C. Container* surgiu por iniciativa de um artista-curador, Paulo Mendes, e veio a estabelecer-se de 1999 a 2001 no Edifício *Artes em Partes* na Rua

Miguel Bombarda, onde ainda hoje se reúnem as principais galerias de arte da cidade. O imóvel era constituído por quatro pisos que, na altura, albergavam um conjunto de várias propostas alternativas ao mercado tradicional e algumas divisões dedicadas à arte contemporânea. A convite, Paulo Mendes veio a dirigir uma série de iniciativas informais na casa de banho privada – espaço cedido para a sua utilização – do edifício, onde tiveram lugar várias exposições que reuniram cerca de cinquenta criadores, desde as artes plásticas, à arquitetura, à música experimental, ao *design* e ao teatro (JÜRGENS, 2016, p.509-510).

Comissariada pelo seu impulsionador, *Quarto Interior*<sup>9</sup> foi a exposição inaugural em que o objetivo era que os artistas convidados viessem a criar trabalhos a partir de elementos e temas relacionados com aquela que sempre foi uma parte da arquitetura habitacional, a qual dá nome ao projeto (FARIA, 1999). Segundo Sandra Vieira Jürgens, [t]odas [as] exposições eram temáticas e houve claramente a preocupação de construir um projeto coerente, em que a seleção de artistas fosse feita em função da definição dos temas de reflexão propostos (...) [a sua] programação (...) adequava-se claramente ao espaço reduzido, e foi grande o interesse de o manter no estado original, sendo que as obras apresentadas deveriam privilegiar um envolvimento consistente com o espaço e serem concebidas e desenvolvidas especificamente para ele (JÜRGENS, 2016, p.510-511).

A *Quarto Interior* seguiram-se uma série de exposições, entre as quais podemos considerar algumas como a *Plastikroom*<sup>10</sup>, no primeiro ano; *Try to be more accommodating (we love our audience)*<sup>11</sup> em 2000 e a retrospectiva *Retró.spektiva. Relatório Confidencial 1999-2001*<sup>12</sup> em 2001, com a qual terminou.

## 2.5 A Caldeira 213

Também no Porto, a *Caldeira 213*<sup>13</sup> foi uma associação de jovens artistas que funcionou entre 2000 e 2002 no nº 213 da Rua dos Caldeireiros. Com uma programação

---

<sup>9</sup> Fizeram parte do seu programa os artistas, Alexandre Camarão, António Caramelo, Cristina Mateus e Susana Mendes Silva.

<sup>10</sup> A exposição apresentou trabalhos de Fernando Brito, Inês Pais, José Eduardo Rocha e Pedro Cabral Santo.

<sup>11</sup> Fizeram parte do programa as obras de João Pedro Vale, Nuno Alexandre Ferreira e Vasco Araújo.

<sup>12</sup> Foi apresentado um *slide show* com imagens de todas as exposições realizadas ao longo do seu período de existência.

<sup>13</sup> O projeto juntou vários artistas e grupos, entre eles Ana Gama, Ângelo Ferreira de Sousa, Carla Cruz, Catarina Carneiro de Sousa, Emanuel Matos, Fernando Rocha, Hugo Almeida, Isabel Carvalho e os grupo ZOiNA e Nós.

diversa, as suas atividades incluíram exposições, performances, encontros, debates, *workshops*, festivais e outras iniciativas artísticas. Catarina Carneiro de Sousa, uma das alunas licenciadas pela Faculdade de Belas Artes que se juntou ao projeto, conta que [o] *sonho era antigo, remontava ao tempo em que muitos de nós eramos alunos [da FBAUP] e não nos identificávamos com as linguagens artísticas praticadas nas galerias de então* (SOUSA, 2010), afirmando que, na altura, só ainda existia a Casa de Serralves, um lugar que frequentavam [ela e os artistas que fizeram parte da sua programação] mas que lhes era distante. *Imaginávamos um espaço colectivo, à margem dos espaços comerciais ou institucionais, onde pudéssemos, ao mesmo tempo, criar e partilhar o nosso trabalho* (*Ibidem*). A associação instalou-se numa antiga fábrica de bilhares, onde o coletivo se organizou para a revitalização do espaço, dividindo-o em três salas de exposição e uma zona de oficinas. Citando, novamente, a artista, [u]m dos eixos de actuação que a Caldeira estabeleceu para si própria foi o da “autonomia produtiva” (...) [a]utonomia relativa ao Capital na não participação nos mecanismos de mercado, quer estes sejam os da lógica da mercantilização do produto, quer sejam os da lógica do patrocínio (...) [e] [a]utonomia relativa ao Mundo da Arte no não reconhecimento das suas instâncias de legitimação (*Universidade, Museu, Crítica, etc.*) (*Ibidem*). Na exposição *Objectos En/Invíveis* conta que os participantes foram convidados pela ZOiNA, um coletivo de intervenção artística feminina de que fez parte juntamente com Ana Medeira, Carla Cruz e Isabel Carvalho, a enviarem para a Caldeira, um objeto que se relacionasse, nas suas palavras, com as *contingências de género que subsistem na sociedade “politicamente correcta”* (...) [onde] *sexualidade e cultura não são a mesma coisa para homens e mulheres* (*Ibidem*). As ‘encomendas’ foram mantidas seladas até à inauguração da exposição, para serem abertas publicamente, sem que ninguém soubesse o que continham.

## 2.6 O Lisboa Capital do Nada

Em 2001, Marvila apresentou o projeto *Lisboa Capital do Nada*<sup>14</sup>, um evento cultural que decorreu durante o mês de Outubro do mesmo ano com atividades artísticas diárias, como exposições, *workshops*, debates, conferências ou concertos. Segundo Mário Jorge Caeiro, presidente da Extra]muros[, uma associação cultural independente responsável pela organização do evento, *Lisboa Capital do Nada*, enquanto um projeto artístico de intervenção no espaço público, *tentou fugir à lógica de padronização da sociedade da*

---

<sup>14</sup> O evento contou com a participação de André Guedes, Catarina Campino, Fabrice Picard, Fernanda Fragateiro, José Maçãs de Carvalho, José Manuel Rodrigues e Vasco Araújo.

*afluência, burocratizada, institucionalizada, pesada (...). [O projeto] abriu um parêntesis na vida de pessoas a quem nunca nada é perguntado e tentou fazê-lo trazendo essas pessoas à participação no processo, à discussão dos grandes e pequenos tópicos de trabalho, à apresentação dos seus próprios valores num contexto de alguma projecção mediática. Da mesma forma, designers, arquitectos e artistas, assim como representantes das diversas ciências envolvidas foram chamados a intervir de forma pessoal, eticamente responsável, intervenção no âmbito da qual era possível haver aprendizagem, partilha e negociação. Constituíram-se equipas, em grande medida informais, onde criar, debater e intervir no espaço público era o objectivo fundamental (CAEIRO, 2007, p.10).*



Figura 2 - *Bel Canto* de Catarina Campino, uma das performances apresentadas no *Lisboa Capital do Nada - Marvila 2001*.

Numa entrevista dada à Antena 2<sup>15</sup>, Catarina Campino, uma das artistas convidadas a intervir, apresentou *Bel canto*, uma série de performances que, segundo ela, começavam com a chegada de uma viatura de onde saíam três homens e um piano, o qual era montado e, posteriormente, afinado para, no final, vir o cantor e o pianista, interpretados por Priit Velmre e Afonso Malão respetivamente, que, vestidos a rigor com fraque fizeram um recital às onze da manhã num estaleiro de obras do bairro, onde só os trabalhadores assistiram (CAMPINO, 2001).

## 2.7 O Salão Olímpico

Novamente no Porto, o *Salão Olímpico*<sup>16</sup> funcionou, de 2003 a 2006, enquanto um projeto artístico alternativo dedicado às artes plásticas, no salão de bilhares da cave do Café Salão Olímpico. Criado a partir da vontade de cinco artistas – Carla Filipe, Eduardo Matos, Isabel Ribeiro, Renato Ferrão e Rui Ribeiro – de abrirem um espaço seguindo um modelo de atuação informal, o *Salão Olímpico* adotou métodos de trabalho e de exposição que recusavam as normas institucionais, onde o artista se tornou produtor das próprias exposições, função que, no meio institucional, é da responsabilidade de outros agentes, como os curadores. Assim, as suas atividades consistiam *no delineamento de estratégias de produção; na gestão do espaço; na definição e conceção de uma programação expositiva; na escolha de um equipe de participantes e colaboradores na realização de cada iniciativa; na colaboração na montagem das peças em exposição; na gestão do diálogo entre todos os intervenientes; na responsabilização pela produção e conceção do material informativo, bem como a sua divulgação no espaço público* (JÜRGENS, 2006, p.63-64).

Na sequência de uma entrevista<sup>17</sup> que Isabel Ribeiro – cofundadora do projeto – e José Maia – coordenador do catálogo *Salão Olímpico 2003-2006* – deram no seminário *Canles Alternativas de Creación Experimental. O Eixo Atlántico (1975-2012)*, resultado da colaboração entre o grupo de investigação *Arte e Estética Contemporâneas* da Universidade de Santiago de Compostela e o Centro Galego de Arte Contemporânea, ambos confirmaram que o espaço nasceu por necessidade e que, tirando as atividades que José

---

<sup>15</sup> Revista Cultural, Antena 2, disponível em <<https://iconline.ipleiria.pt/handle/10400.8/3034>> [Consult. 2018-01-22].

<sup>16</sup> Os artistas que fizeram parte da sua programação, para além dos fundadores do projeto, incluíram nomes como: Alice Geirinhas, Ana Pérez-Quiroga, Catarina Felgueiras, Fernando Brito, Isabel Pimenta, João Fonte Santa, Manuel Brito, Paulo Mendes, Pedro Barateiro e Susana Chiocca.

<sup>17</sup> Entrevista disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=q53xo6LZX1o&frags=pl%2Cwn>> [Consult. 2018-04-28].

Maia e outros organizavam na Faculdade de Belas Artes do Porto, o que a maior parte dos estudantes sentia era um grande marasmo (MAIA; RIBEIRO, 2012). Ao longo da entrevista, Isabel Ribeiro revela que os artistas que abraçaram o projeto durante o seu período de existência distanciavam-se dos circuitos institucionais e comerciais e, dessa forma, acabaram por construir o deles. Segundo ela, a organização de exposições e outras atividades artísticas era orgânica e, a não ser para a publicação do livro *Salão Olímpico 2003-2006*, nunca tiveram apoios financeiros de nenhuma instituição. Enquanto espaço de inclusão que dava oportunidade, essencialmente, a uma lógica experimental da arte, foram sessenta e quatro os artistas que intervieram na cave de um café com bilhares e matraquilhos, criando, assim uma dinâmica informal de exposição (*Ibidem*).

## 2.8 A *Kunsthalle Lissabon*

Em 2009, João Mourão e Luís Silva fundaram a *Kunsthalle Lissabon*, uma instituição com particularidades específicas de uma galeria informal, que veio a instalar-se, inicialmente, num prédio da Avenida da Liberdade e, desde 2014, no bairro da Madre-deus, pertencente à zona ribeirinha de Lisboa. Em conversa com João Mourão<sup>18</sup>, afirma que foi o público que, a dada altura, reconheceu a *kunsthalle* como uma instituição, ainda que, na sua opinião, esse não aparente ser o termo apropriado para definir aquele espaço cultural, pelo menos, não no conceito tradicional que o termo suporta (MOURÃO, 2018).

Descontentes com o panorama artístico da altura, João Mourão e Luís Silva, decidiram criar a sua própria (falsa) instituição numa realidade, na sua opinião, ainda muito fechada, conscientes que teriam de repensa-la por aí (*Ibidem*). Deram-lhe um nome germânico que vem com um peso institucional já estabelecido, e aquilo que fizeram foi, de alguma forma, brincar com o termo de modo a confrontar o público com um espaço que é tudo, menos uma *kunsthalle* – daí a predominância do conceito de ‘embuste’ na descrição da galeria. Começaram com um prédio cedido na Avenida da Liberdade onde se reunia uma comunidade já estabelecida de artistas, uns acabados de sair da faculdade e outros com os seus 60 anos de idade, onde ninguém pagava água, luz ou qualquer renda, formando-se ali uma comunidade autossustentável de criadores e espaços independentes. Mudaram-se para o atual espaço em 2014 e desde a sua inauguração que têm vindo a desafiar os modelos institucionais estabelecidos em grande parte dos museus e galerias nacionais, mostrando trabalhos de jovens emergentes, em que, muitos deles, se estream

---

<sup>18</sup> A conversa teve lugar no dia de 9 de Agosto de 2018 no espaço da *Kunsthalle Lissabon* e constará em anexo.

aqui, para além disso, têm um elevado número de artistas femininas a participarem nas exposições, assim como, criadores do médio oriente e da américa latina, ainda com pouca visibilidade em Portugal.



Figura 3 - Naufus Ramirez-Figueroa na preparação da sua exposição *Shit Baby and The Crampled Girafe* na *Kunsthalle Lissabon*, onde utilizou a galeria como estúdio até à sua inauguração.

Ao longo das últimas décadas, para além das iniciativas expostas que vieram a ganhar credibilidade nos anos noventa e dois mil, outros espaços e coletivos – alguns deles fundados antes dessa geração –, contribuíram para a afirmação de um «fenómeno alternativo» e de uma «cultura independente» em Portugal. É o caso, no Porto, dos projetos *Árvore – Cooperativa de Actividades Artísticas*, *PÊSSEGOSpráSEMANA*, *Artemosferas*, *Apêndice*, *A Sala*, *Mad Woman in the Attic*, *Uma Certa Falta de Coerência*, *IN.TRANSIT* ou o *Maus Hábitos – Espaço de Intervenção Cultural* ainda hoje aberto ao público; em Lisboa, a *Galeria Zero*, o *Espaço3 [Espaço ao Cubo]*, o *Hangar K7*, a *Carpe Diem Arte e Pesquisa*, a *Plataforma Revólver*; em Coimbra o *Círculo de Artes Plásticas de Coimbra*; entre outros.

### 3. O Projeto

#### 3.1 Conceito: Origens e Influências

Desde o final do século XIX que a crítica institucional tem sido um tópico fundamental para a prática artística, de modo que, desde então, segundo Christian Kravagna, historiador e crítico de arte, *the museum has been both a theme of artists' reflections and a target of their criticism* (KRAVAGNA, 2001, p.7). Por outras palavras, os museus e as galerias, enquanto espaços complexos e contraditórios, têm vindo a ser alvo de uma série de questionamentos, nomeadamente, por parte de alguns artistas que, não se identificando com o panorama institucional, têm vindo a reclamar a sua autonomia face a estas instituições.

Estendendo-se até aos dias de hoje, este fenómeno afirmou-se, essencialmente, no século XX com a entrada das vanguardas artísticas em território, essencialmente, europeu e com as linguagens de rutura que se vieram a afirmar após a segunda guerra mundial, realidade que irá contribuir para a afirmação de novas posturas em relação à arte e à sua (des)institucionalização, assim como para a revelação de novos espaços de exposição e divulgação das artes.

Se olharmos atentamente para a produção artística da primeira metade do século passado, o manifesto futurista, publicado em 1909 em Paris pelo italiano Filippo Tommaso Marinetti, o qual apelava à máquina, ao progresso e ao futuro, defendera a destruição dos museus (MARINETTI, 1909).

O dadaísmo, de cariz igualmente provocatório, surgiu em Zurique em 1916 e, desafiando o academismo da arte e, de alguma forma, a sua institucionalização, começou por se manifestar na vida noturna da cidade, escolhendo os teatros, os cafés e, essencialmente, os *cabarets* enquanto espaços de divulgação das suas atividades (GOLDBERG, 2012, p.63).

O período de instabilidade política, social e cultural que se sucedera, consequência da eclosão das duas grandes guerras – a primeira de 1914 a 1918 e a segunda de 1939 a 1945 – e dos regimes ditatoriais que se vieram a instaurar na europa, irá contribuir para um «regresso à ordem». Contudo, em 1924, foi publicado o manifesto surrealista de André Breton, assinalando o nascimento do movimento. Numa tentativa de romper com os valores da época, o surrealismo pretendia reforçar o papel do inconsciente na arte – aquilo

a que se chamou de «automatismo psíquico» - apoiando-se, nomeadamente, nas teorias psicanalíticas de Freud (GOLDBERG, 2012, p.112).

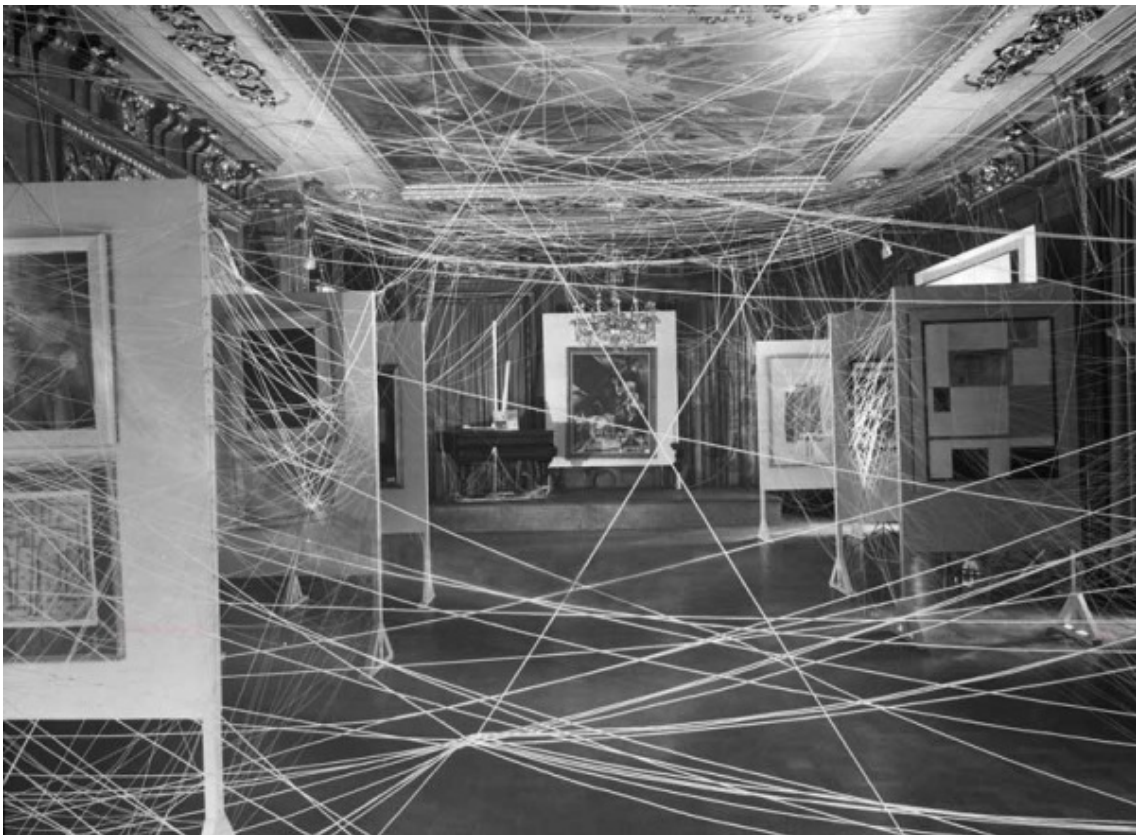


Figura 4 – Fotografia da exposição *First Papers of Surrealism* que mostra a instalação *His Twine* de Marcel Duchamp de 1942.

Ainda que esta efervescência de posturas alternativas na primeira metade do século XX tenha trazido uma série de novas implicações à institucionalização da arte, há que reconhecer que foi com a geração dos pós segunda guerra que esta oposição se intensificou na Europa e nos Estados Unidos da América, tendo-se feito sentir significativamente nos museus e nas galerias das décadas seguintes, nomeadamente a partir dos anos sessenta.

No seguimento da «desmaterialização da arte»<sup>19</sup> dominante nas décadas de sessenta e setenta, as linguagens efémeras, como o *happening*, a *body art*, a performance, o *site specific* ou a instalação, e os movimentos de rutura, como o *fluxus* ou a *land art*,

---

<sup>19</sup> Nascida na década de 1960/70, esta ideia de «desmaterialização da arte», enquanto crítica à sociedade de consumo, nomeadamente ao mercado de arte, pretendia enfatizar o conceito (imaterial) em detrimento do objeto (material).

foram algumas das respostas à (des)institucionalização da arte, dadas as suas dificuldades de incorporação, inventariação, conservação e exposição em instituições.

Assumindo fortes relações entre si, o *happening*, a *body art* e a performance, vieram a afirmar-se com mais intensidade no período pós segunda guerra, ainda que a sua prática possa vir a ter tido manifestações na primeira metade do século. Frequentemente exibidas ao vivo, todas se caracterizaram, de certa forma, pela presença do corpo – do artista, do espetador, ou ambos – enquanto suporte ou prática artística e, de natureza efémera e imaterial, vieram a revelar-se no próprio momento da ação, não garantido, por vezes, um produto final que restasse da sua atividade.

No mesmo contexto, também a instalação, que tivera algumas manifestações no passado, se afirmará com intensidade a partir da década de sessenta, para descrever *mixed-media constructions* ou *assemblages* de variadíssimas escalas, algumas pensadas para um lugar específico – *site specific* – e, por vezes, de duração efémera. Inseridas num campo ampliado da escultura, estas construções vieram a interagir com o espaço em redor e, grande parte delas, fizeram uso de outros meios na sua concretização, como o desenho, a fotografia, o vídeo, entre outras (KRAUSS, 1984).

Em 1964, George Maciunas publicou o *fluxus* manifesto apelando à autonomia da arte face ao mercado, às instituições e a uma classe elitista que, pelas posses económicas que detinham, vieram a controlar o panorama artístico nos EUA: *PURGE the world of bourgeois sickness, “intellectual”, professional & commercialized culture (...) Promote living art, anti-art, promote NON ART REALITY to be ~~fully~~ gasped by all peoples, not only critics, dilettantes and professionals* (MACIUNAS, 1964). Na altura, no âmbito das ações do movimento, Henry Flynt e Jack Smith, vieram a manifestar-se diante do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque a 27 de Fevereiro de 1963.

Ainda face à institucionalização da arte, a *land art* veio a manifestar-se, essencialmente, nas décadas de sessenta e setenta com uma série de artistas a trabalharem na natureza. O seu carácter efémero e incontrolável revelou algumas ameaças aos museus e galerias, os quais, sem dúvida alguma, careciam de condições necessárias para a sua aquisição, conservação e exposição.



Figura 5 - Henry Flynt recita *From Culture to Veramusment* num apartamento em Nova Iorque a 28 de Fevereiro de 1963.

Desde então, são vários os artistas que, face a esta realidade, têm vindo a desenvolver métodos de trabalho, de alguma forma, incompatíveis com, ou, pelo menos, que questionam o formato institucional, pretendendo alcançar novos público e novos canais de receção artística.

Com efeito, na sequência de uma lógica de exposição informal, a presente proposta pretende dar continuidade a esta realidade, apoiando-se no *Caldas Late Night*, já mencionado anteriormente, um festival de arte onde os artistas locais se têm vindo a afirmar fora do circuito institucional.

## 3.2 Caracterização

O ARTISTRUN.fest – Festival Independente de Arte Contemporânea<sup>20</sup> pretende ser um evento artístico-cultural sem fins lucrativos que se realizará na cidade de Lisboa. Obedecendo a um formato alternativo aos percursos expositivos tradicionais – aqueles com que os museus e as galerias se têm vindo a afirmar nas últimas décadas – o projeto propõe a criação de um circuito de exposições em espaços informais – não institucionais – com a finalidade de se virem a criar novas condições de trabalho que consigam valorizar o papel do artista enquanto curador.

A aposta na arte contemporânea pretenderá ser, de alguma forma, um incentivo para a exposição de uma diversidade de propostas nas mais variadas áreas, como as artes visuais, as artes plásticas e/ou as artes performativas, as quais deverão contar com diferentes linguagens como a pintura, o desenho, a escultura, a fotografia, o vídeo, a instalação, a performance, entre outras.

O evento será gratuito e acessível a todos os tipos de público, com incidência na comunidade artística, académica (com formação na área das artes), jovem e local.

Nos últimos anos Lisboa tem vindo a registar grandes alterações no setor cultural, confirmando-se, de fato, uma evolução da sua oferta artística, contudo, a meu ver, a capital, em comparação, por exemplo, com as Caldas da Rainha, ainda carece de projetos que, vocacionados para uma prática experimental, se direcionem (quase que) exclusivamente aos artistas e à sua liberdade de criação.

Projetos esses que, ao recusarem uma lógica de mercado e consumo, se apoiem num formato *DIY*<sup>21</sup>, com pequenos orçamentos, poucos recursos e uma produção amadora e improvisada, e que, nesse sentido, pretendam dar visibilidade a jovens artistas emergentes, a novas tendências e a espaços informais de exposição. São também propostas

---

<sup>20</sup> Usado para descrever iniciativas e/ou eventos geridos por artistas, o termo *artist run* foi o mais apropriado – tendo em conta esta conotação – para definir a presente proposta, aquela que pretende valorizar o papel do artista enquanto curador, fazendo dele o responsável pela sua produção.

<sup>21</sup> A sigla *DIY*, abreviatura de *Do It Yourself* (faz tu mesmo em português), remonta ao século XX e veio a popularizar-se no seio de uma sociedade consumista que se viera a afirmar com a consolidação de um sistema capitalista, aquele que privilegia o lucro sobre qualquer outro setor. O termo é igualmente recorrente nos dias de hoje e é utilizado nos mais diversos campos, estando associado ao ato de um indivíduo conseguir agir por ele próprio em várias situações, sem ter de recorrer à ajuda de profissionais ou especializados na área.

que facilitam a interação entre artistas, profissionais e espectador e que, ao gerarem momentos de encontro, diálogo e reflexão, vêm a estimular o pensamento individual e coletivo e a apoiar uma prática artística inclusiva e participativa, de forma a enriquecer a oferta cultural nacional e a garantir o aumento do interesse do público pela arte emergente. Espera-se que estes projetos consigam dialogar com o território onde se inserem, fazendo uso das suas características, reaproveitando recursos e criando novas identidades e construções.

Trata-se de um evento grátis, acessível a todos os tipos de público, mas direcionado à comunidade jovem, oferecendo as condições necessárias à exposição e divulgação do seu trabalho de forma a dar prioridade às suas escolhas e seleções.

Uma vez ou outra, acontecem intervenções no espaço público ou são feitas exposições na casa de um artista, contudo, estas iniciativas de cariz informal não vieram a ter o mesmo impacto que teve, por exemplo, o *Lisboa Fora de Horas* na década de noventa ou o *Lisboa Capital do Nada* em 2001.

A cidade tem tido uma programação diversa de festivais e eventos dedicados à arte nos últimos anos, tais como o *Bairro das Artes*, o *Alkântara*, direcionado às artes performativas, o *Fuso* à videoarte ou o *Festival Múltiplo* à música, no entanto, não creio serem suficientes os projetos com características semelhantes à presente proposta ainda ativos em Lisboa – o mais idêntico talvez tenha sido o *Festival Exquisito*<sup>22</sup> em Telheiras, apresentado em 2018. A ideia não é nova, mas é necessária, e a forte adesão do festival – tanto por parte do público, como por parte dos artistas – poderá, de alguma forma, confirmar a necessidade e a viabilidade de se virem a organizar mais propostas deste carácter numa capital onde a afirmação de uma cultura artística alternativa e independente ainda não está suficientemente desenvolvida.

---

<sup>22</sup> A primeira edição do *Exquisito – Festival de Criação Artística Emergente* decorreu nos dias 13, 14 e 15 de Setembro em Telheiras, um bairro, maioritariamente, habitacional. A sua programação contou com concertos, instalações, conversas e performances em alguns espaços da cidade, como a estação de metro, um antigo lagar, ou o pátio da biblioteca, onde se reuniram artistas como Clothilde, Fado Bicha, Joana Gama e Luís Fernandes, Sturqen + MMMOOONNNNOOO, Rosana Ribeiro, Tomaz Hipólito, entre outros. A organização do festival é da autoria da Associação Cultural Gerador e Pedro Saavedra, diretor artístico do festival, assumiu desde logo que os seus objetivos eram o de criarem um festival português que permitisse dar total liberdade de expressão aos autores (SAAVEDRA *apud* LOBO, 2018).

### **3.3 Missão**

Assumir uma posição exterior aos modelos tradicionais da prática institucional, fomentando a democratização da cultura através da criação de circuitos de exposição alternativos, os quais deverão proporcionar uma maior liberdade de criação aos artistas na sua produção, valorizando o seu papel enquanto curador.

### **3.4 Objetivos**

- Fomentar a criação, produção e difusão das artes;
- Promover a democratização da arte através da fruição cultural;
- Apostar na criação e valorização de circuitos expositivos alternativos aos institucionais;
- Apoiar e valorizar o papel do artista enquanto curador e a sua autonomia face à instituição, facultando-lhe uma maior liberdade e flexibilidade na organização e produção de exposições e/ou outros projetos independentes de cariz artístico, como intervenções, debates, performances, entre outras.
- Criar novas oportunidades a jovens artistas;
- Valorizar a inclusão social, o desenvolvimento humano e a diversidade cultural;
- Reconhecer a arte e a cultura enquanto bases estruturantes da sociedade, fundamentais ao seu desenvolvimento e progresso.

### 3.5 Áreas de Atuação

A presente proposta incidirá sobre:

- a) A valorização do papel do artista enquanto curador

Em oposição a uma identidade institucional, o papel do artista, enquanto comissário ou curador da exposição, que, segundo Jürgens, está associado *a uma rede informal de pessoas identificadas com objetivos comuns e empenhadas na realização de ações conjuntas, caracterizadas por uma informalidade e ocupação temporária e provisória de espaços pouco usuais* (JÜRGENS, 2014, p.51-52), tem vindo, ao longo das últimas décadas a estimular a capacidade criativa do artista, encorajando a prática de novas estratégias informais – fruto do seu empenho e criatividade – na atividade expositiva. Segundo a autora, esta prática curatorial está associada à realização de exposições por iniciativa própria, de forma a que a organização seja mais autónoma em relação às redes institucionais (JÜRGENS, 2006, p.90-92) proporcionando, aos artistas, um maior envolvimento na produção.

Na capital, em conversa com João Mourão, curador e fundador, em conjunto com Luís Silva, da *Kunsthalle Lissabon*, um projeto ‘institucional’ independente que inaugurou em 2009, é mencionada a exposição que Naufus Ramirez-Figueroa apresentou na *kunsthalle* em 2017, onde o artista usou o espaço como estúdio antes da sua inauguração, reforçando a relação que estes curadores têm vindo a tentar manter com os artistas (MOURÃO, 2018)<sup>23</sup>. No mesmo contexto, podemos ainda considerar o caso do *Bregas*, um dos *ateliers* da dupla João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira na cave de um prédio em Xabregas, que apesar de ter sido vendido recentemente, ainda albergou sete edições dos *Grandiosos Fins de Semana*, aqueles que surgiram como «*atelier aberto*», dando oportunidade aos «amigos» de exporem trabalhos e projetos.

Com efeito, apostando numa lógica de exposição informal, pretende-se, que a presente proposta consiga manter esta realidade, criando novas oportunidades que ofereçam uma maior flexibilidade ao artista, o qual será encarregue da organização de exposição – seleção de obras e espaços, montagem e produção, comunicação e divulgação – de forma que a sua função de curador seja valorizada e reconhecida como tal.

---

<sup>23</sup> A conversa teve lugar no dia de 9 de Agosto de 2018 no espaço da *Kunsthalle Lissabon* e constará em anexo.

b) A revitalização e dinamização de espaços não institucionais para uso criativo

A promoção de percursos expositivos alternativos aos convencionais, enquanto um dos principais objetivos da realização da presente iniciativa artístico-cultural – aquela que pretenderá reclamar uma maior liberdade aos artistas na organização de exposições – requer o reaproveitamento de espaços informais, que, consoante os proprietários e as condições em que se inserem, possam ser cedidos temporariamente – de acordo com a duração do evento – para receberem exposições.

Em Lisboa destaco a fundação da Fábrica de Braço de Prata em 2007 numa antiga fábrica de material de guerra, que, funcionando segundo um acordo que previa a ocupação gratuita do espaço em troca da sua manutenção, foi um dos casos que recorreu à apropriação de espaços para uso criativo. O projeto incluía várias salas, as quais cumpriram as funções de bar, livraria, oficinas e galerias onde se organizaram exposições, convívios, concertos, sessões de cinema e espetáculos, englobando linguagens que iam, essencialmente, desde as artes performativas às artes plásticas. Foi uma iniciativa dedicada ao pensamento e às artes que promoveu a experimentação artística, apoiou artistas emergentes e pouco conhecidos e desafiou as leis do mercado ao ter recusado qualquer percentagem sobre a venda ou uso do espaço aos criadores que ali expuseram, tendo-se sustentado financeiramente pelas receitas do bar, as vendas da livraria, a organização de jantares de grupo, assim como o preço que era cobrado à entrada que reverteu, igualmente, a favor dos artistas (REI, 2016, p.83-84).

Com o intuito de se vir a potenciar a prática artística informal, a presente proposta pretende englobar espaços em desuso que, consoante os proprietários possam ser cedidos para a sua dinamização, assim como, o próprio espaço público. Propor-se-ão novos formatos de exposição em que os artistas são convidados a refletirem sobre os desafios que estes territórios propõem, apresentando outras possibilidades expositivas e novas formas de comunicá-las ao público, de modo a apoiarem não só a dinamização dos espaços, mas a liberdade criativa e a atividade artística independente.



Figura 6 - Silos das Ceres, uma antiga fábrica de moagem de trigo, é hoje um contentor criativo de sete andares e cerca de 5000m<sup>2</sup> que serve de estúdio a vários artistas nas Caldas da Rainha.

### 3.6 Localização

O que poderá ser, à primeira vista, uma conquista ambiciosa para a cidade de Lisboa, tem vindo a ser espontâneo para outras, como as Caldas da Rainha, com o evento anual *Caldas Late Night* – aquele que é o suporte deste ensaio – uma iniciativa dedicada às artes que fez da cidade o atelier de novos artistas.

Na capital, a aposta seria em Alcântara, *um bairro ainda preso à memória fabril mas de olhos postos no futuro*, ainda com um longo e duradouro processo de renovação pela frente – pouco movimento, comércio local afetado e património em mau estado –, mas que tem vindo a modernizar-se com a construção de lotes residenciais, zonas de restauração e novos espaços de cultura e lazer (CRISTINO, 2018).

A concretização da presente proposta requer as parcerias da Câmara Municipal de Lisboa e da Junta de Freguesia de Alcântara enquanto colaboradoras no seu desenvolvimento, de modo a que se consigam encontrar formas de apoio que, acordando com os objetivos do evento, viabilizem a sua realização<sup>24</sup>. Dependendo de intervenções estratégicas conjuntas entre o poder público e privado, outras entidades deverão aliar-se ao projeto, como centros de arte, associações culturais, fundações, coletivos, companhias, cooperativas, oficinas, residências artísticas, entre outras.

Debruçada sobre o Tejo, Alcântara<sup>25</sup>, com uma área total de 4,40km<sup>2</sup>, é uma freguesia do concelho de Lisboa com 13,943 habitantes (INE, Censos 2011). A sua dinâmica industrial, por qual desde cedo ficou conhecida, remonta aos finais do século XVIII, com a instalação de várias fábricas – curtumes, têxteis, entre outras – na zona, o que fizera dela um dos bairros fabris mais caraterísticos de Lisboa.

No entanto, o processo de desindustrialização fez-se notar na capital a partir da década de oitenta, tendo tido um grande impacto, particularmente, em Alcântara, na altura considerada uma grande zona de concentração operária de grande importância para a cidade do ponto de vista económico, social e cultural. O encerramento ou a deslocação de várias unidades fabris e a consequente diminuição significativa de trabalhadores, os quais representavam uma grande parte da população, vieram a contribuir para o aumento de

---

<sup>24</sup> Em anexo constará o *Guia Prático de Apoios ao Setor Cultural* da Câmara Municipal de Lisboa com alguns apontamentos a considerar para a organização da presente proposta.

<sup>25</sup> O mapa da freguesia constará em anexo.

zonas e edifícios abandonadas(os) (LAGOS, 2015, p.3-4), uma das realidades ainda hoje bem visível na freguesia.

Em 2005, a MainSide, uma empresa direcionada a investimentos imobiliários, veio a adquirir um destes complexos de fábricas antigas<sup>26</sup>, um espaço antes ocupado pela Gráfica Mirandela, e criou o *Lx Factory* em 2008. Totalizando um conjunto de onze edifícios, este lote viera a tornar-se num polo de empresas ligadas ao sector criativo, nomeadamente às artes plásticas, ao *design*, à publicidade, à literatura, à moda e à dança.



Figura 7 - O lote do *Lx Factory* em Alcântara, Lisboa.

Afirmando-se, de acordo com o website do espaço, *[u]ma ilha criativa ocupada por empresas e profissionais da indústria [que] tem sido cenário de um diverso leque de acontecimentos nas áreas da moda, publicidade, comunicação, multimédia, arte, arquitetura, música, etc. gerando uma dinâmica que tem atraído inúmeros visitantes a redescobrir esta zona [da cidade] (...) onde se torna possível intervir, pensar, produzir, apre-*

---

<sup>26</sup> O lote foi recentemente comprado por uma consultora de imóveis francesa, a Keys Asset Management, a qual assegurou que vai manter o espaço. Em Setembro de 2017, altura em que a empresa avançou com a notícia, o *Lx Factory* contava com cerca de 200 empresas, no entanto, os novos proprietários pretendem aumentar a oferta e garantem que vão ser requalificados mais edifícios.

*sentar ideias e produtos num lugar que é de todos, para todos (LXFACTORY), esta «fábrica de ideias», como Rita Silva Freire lhe chamou numa reportagem dedicada ao espaço<sup>27</sup>, tem vindo a apoiar e a organizar exposições, concertos, *workshops* e outras atividades nesta zona da cidade desde a sua inauguração, tais como as edições do *Lx Open Day*. Na mesma reportagem, Filipa Baptista, arquiteta responsável pelo projeto, explica que [os] *edifícios têm um enorme valor patrimonial, mas estavam desabitados, à espera de um projeto de urbanização [o] que pode demorar imenso tempo e causa a sua degradação. O que fizemos foi uma forma de os devolver à cidade e aos seus habitantes. Desde o início que a nossa ideia foi ter aqui um polo cultural dinâmico. As pessoas aderiram e quiseram participar* (FREIRE, 2009, p.10).*



Figura 8 - O espaço do *The Village Underground* em Alcântara, Lisboa.

Em 2014, Alcântara deu mais uma oportunidade às artes, ao inaugurar, em Abril do mesmo ano, o *Village Underground*. Situado na Estação de Santo Amaro, propriedade onde se insere igualmente o Museu da Carris, o espaço reúne treze contentores marítimos adaptados ao projeto que servem de ateliers e dois autocarros desativados – cedidos pela Carris –, um enquanto sala de reuniões e o outro como cafetaria. Cada contentor dispõe

<sup>27</sup> Artigo disponível em <<https://www.lxfactory.com/ficheiros/noticias/1258e2b95a73e18e33f7ed4d39a825f7.pdf>> [Consult. 2018-07-22].

de cinco mesas a serem ocupadas por artistas que desejem alugar o espaço, o qual pode ser feito à hora, à semana e ao mês, consoante a necessidade do residente. Em 2016, na sequência de vir a receber eventos todo o ano, a organização apostou na reabilitação de um espaço exterior com uma área de 160m<sup>2</sup>.

Nos últimos quatro anos, o VU – sigla por qual é igualmente conhecido – tem vindo a receber concertos, exposições, sessões de teatro, conferências, servindo igualmente de plataforma de promoção dos artistas residentes e, segundo a cofundadora Mariana Duarte Silva, tem também vindo a investir em projetos de natureza social, assim como em trabalhos que normalmente não obtêm acolhimento nouro tipo de espaços culturais (SILVA, -).

Ao longo dos últimos anos, considerando-se ambas as propostas anteriormente mencionadas, parte deste edificado industrial que foi abandonado nos finais do século passado, fruto do processo de desindustrialização, veio, como se pôde verificar, a dar lugar à criação de espaços de lazer e cultura.

No entanto, com o fenómeno de requalificação deste imobiliário em processamento – um dos grandes objetivos da Junta de Freguesia na sequência de promover uma nova imagem urbana à cidade – Alcântara ainda detém uma série de espaços desocupados à espera de serem revitalizados e a presente proposta seria uma forma de os dinamizar (ainda que temporariamente), (re)aproveitando as suas estruturas para receberem novas iniciativas de cariz artístico-cultural.

Uma vez que, segundo os resultados dos últimos censos em 2011, a população é envelhecida – representando 28,7% dos residentes (INE, Censos 2011) – este deverá igualmente ser um dos fatores a considerar na organização do evento no bairro, de forma a que as iniciativas consigam motivar os moradores a fazerem parte do público e os espaços consigam ser locais de encontro da comunidade local com os artistas.

No plano de atividades de 2016, a Junta de Freguesia revela a necessidade de atrair a população jovem ao bairro, diversificando as iniciativas de apoio a esta faixa etária, de âmbito social e cultural, como sessões de teatro, canto ou aulas de dança (ALCÂNTARA, p.19). Ainda que estas sejam promessas de referência para o bairro, poderão não ser suficientemente ‘revolucionárias’ para atraírem jovens à freguesia.

Assim, considerando-se a situação atual, a organização do evento conseguiria dar resposta, ainda que em parte, às dificuldades que a freguesia se tem vindo a deparar na

requalificação, revitalização e consequente dinamização do mobiliário urbano devoluto, uma das razões que, caso fosse concretizada, traria uma nova dinâmica (necessária) ao bairro, visto que estas iniciativas tendem a chamar artistas, jovens e novos públicos à cidade.

### 3.7 Data

Sem data pré-definida<sup>28</sup> importa mencionar que a sua seleção deverá atender a alguns critérios de forma a reunir uma maior adesão, tanto por parte do público – ainda que esta não seja a grande prioridade – como por parte dos artistas e da comunidade local.

A seleção da data terá grande influência no sucesso do evento, devendo, assim, atender aos seguintes critérios:

- a) Não deverá coincidir com outros projetos, neste caso específico artístico-culturais, da mesma natureza, pelo menos com os chamados ‘megaeventos’, que, de grande escala, tendem a receber uma atenção privilegiada;
- b) Não deverá, igualmente, coincidir com datas próximas de eventos similares;
- c) Deverá, obrigatoriamente, respeitar ao máximo, as necessidades do evento, dos artistas e do público-alvo.

Considerando-se a presente proposta, em termos de sazonalidade, as condições climáticas deverão ser propícias à sua organização que, atendendo a um ciclo de exposições distribuídos por vários locais de Alcântara e a possíveis intervenções no espaço público, irão privilegiar o verão na seleção da sua realização. O mesmo será tido em conta em relação à disponibilidade dos artistas, aqueles que, se formos a destacar a comunidade jovem académica com formação na área das artes, mais facilmente estarão livres durante os três meses de férias, entre Junho a Setembro.

A calendarização do evento deverá ter em consideração a rotina, neste caso, de grande parte dos participantes e do público, de forma a serem aconselháveis – para a maioria das iniciativas de carácter lúdico – os fins de semana, altura que permitirá, com maior facilidade, atingir uma maior adesão da parte de ambos – artistas e espetadores.

---

<sup>28</sup> Caso a presente proposta venha a ser concretizada no futuro, considerando-se três dias de festival – Sexta-feira, Sábado e Domingo – no ano 2019, far-se-á referência à data de 26 (Sexta-feira), 27 (Sábado) e 28 (Domingo) de Julho.

### 3.8 Tema

A primeira edição do ARTISTRUN.fest dedicar-se-á ao tema *A Casa*, ambicionando a diferentes leituras e significados do que pode ser hoje uma casa numa cidade que carece de condições para alojar os seus residentes.

Em 2017, o valor médio das rendas de alojamentos familiares com novos contratos de arrendamento no país fixou-se em 4,39€ por metro quadrado, tendo sido superado, como já era de se esperar, em Lisboa, onde o valor de renda mais elevado, foi de 9,62€ por metro quadrado (INE, 2018).

Numa cidade em que o ordenado mínimo à hora, considerando o valor de 580€ mensais e 21 dias úteis de trabalho, é de 3,45€, têm sido inúmeras as carências registadas face aos preços da habitação, desde as más condições de vida ao despejo de famílias que, desalojadas, anseiam pelo seu realojamento num futuro que, por enquanto, não parece possível.

O lar, desde sempre, esteve associado a um espaço capaz de responder às necessidades de sobrevivência e conforto das famílias, contudo, se remetermos à situação atual de Lisboa, a habitação não consegue mais garantir estas características para grande parte dos seus moradores. O que é que faz de uma casa, uma casa, senão estas características? O termo é, assim, mais simbólico do que parece, e a casa, aquela que nos transpõe segurança e conforto, não é mais só o prédio, o apartamento ou o quarto onde vivemos. O que é então uma casa?

*A Casa*, remetendo, de alguma forma, para os problemas de habitação que os residentes lisboetas têm vindo a experienciar na capital, será um registo de propostas em que os artistas, convidados a refletirem sobre a presente realidade, proporão diferentes interpretações daquilo que, hoje em dia, se entende por casa.

### 3.9 Artistas

Uma geração de jovens artistas que não se identificam com o formato institucional, por vezes, incompatível com a produção artística emergente, tem vindo a afirmar-se no panorama artístico nacional nas últimas décadas, reclamando a sua autonomia face à instituição. Na sua visão, os modos de funcionamento dos museus e das galerias aparentam ser inadequados para o acolhimento de propostas experimentais, realidade que, de alguma forma, os têm motivado na construção de novos registos.

As ações destes jovens têm vindo a desenvolver uma atividade complementar no circuito das artes e é através do seu impacto descentralizador que se criaram novas soluções de promoção e reconhecimento da arte contemporânea, nomeadamente na divulgação de uma oferta cultural que, atenta às transformações da contemporaneidade, tem possibilitado a criação de melhores condições ao artista, o reconhecimento de novos espaços de exposição e a exibição de trabalhos que, pelas suas características, não seriam facilmente aceites nos locais convencionais de exposição.

Neste âmbito, para a primeira edição da presente proposta, ainda em aberto, as inscrições serão minimizadas de forma a criarem-se condições que consigam dar uma visibilidade a artistas emergentes que estejam a iniciar o seu percurso artístico. Serão abertas candidaturas<sup>29</sup> a um máximo de 30 vagas e considerar-se-ão os seguintes critérios de participação:

- a) Formação na área das artes;
- b) Os participantes deverão ter entre 18 a 30 anos.

A inscrição de artistas e obras será feita por candidaturas *online* de forma que os interessados em participar deverão preencher um formulário que irá ser disponibilizado pela organização, o qual deverá ser acompanhado da seguinte informação:

- a) Portfólio;
- b) Seleção e identificação de trabalhos com que queiram participar, seguidos do *Título, Ano, Materiais* (se aplicável), *Dimensões* (se aplicável) e um ficheiro (texto, fotografia, vídeo, outra) representativo da obra.

---

<sup>29</sup> Em anexo, constará um modelo de uma *open call for artists*.

Após a inscrição e seleção, os participantes terão a oportunidade de visitarem os espaços assim que estes forem selecionados<sup>30</sup>, onde haverá a possibilidade, após a visita, de decidirem mudar a seleção de trabalhos com que queiram participar. Os locais de exposição poderão não corresponder às suas expectativas iniciais e, nesse caso, será dada a oportunidade de alteração de obras, porém, esta informação terá de ser imediatamente comunicada a um responsável, o qual deverá ser informado da mudança. Serão pedidos, posteriormente, novos dados de documentação, anteriormente referenciados, da(s) nova(s) obra(s) que, após a recolha desta informação, deverá(ão) ser substituída(s) pela primeira opção.

Uma vez inscrito, o artista, encarregue da exposição ou de qualquer outra manifestação artística que pretenda apresentar, será responsável pelas seguintes funções:

- a) Seleção de obras e espaços;
- b) Produção e montagem da exposição;
- c) Exposição, comunicação e divulgação do seu trabalho.

Automaticamente, será criada uma equipa curatorial formada pelos participantes, aquela que, recorrendo ao trabalho coletivo, estabelecerá uma base dinâmica de desenvolvimento individual e comunitário.

---

<sup>30</sup> A presente informação constará no tópico seguinte.



Figura 9 - Jovens artistas, estudantes da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha, reúnem-se na primeira reunião aberta para discutirem a organização da décima oitava edição do festival *Caldas Late Night* em 2014.

### 3.10 Espaços

A contemporaneidade tem vindo a oferecer e, de certa forma, a promover novas construções de comunicação, exposição e divulgação da obra de arte, que, sem a formação do tradicional *white cube*, aquela que nas palavras de Anabela Bravo, ao referir Brian O’Doherty, foi o *arquétipo da galeria do século XX – um espaço amplo, vazio, branco e ideal* [que] *tem como objectivo a subtracção de quaisquer pistas que possam interferir com a observação da obra de arte por parte do espectador* [onde esta é] *isolada de tudo* (BRAVO, 2011, p.240), vieram a diversificar os espaços expositivos, criando profundas alterações na sua natureza. Com a afirmação de um regime informal que se veio a verificar, nomeadamente, nas últimas décadas, o local de exposição é hoje mais flexível e a sua contribuição para as artes tem vindo a divulgar novos canais de receção artística, criando-se novas formas de diálogo e formatos alternativos de exposição.

Tendo como base o *Caldas Late Night* nas Caldas da Rainha, onde a cidade se oferece como espaço de exposição e, assim, se têm vindo a fazer exposições nos mais variados locais nos últimos anos, as casas de habitação, os ateliers, os cafés, as lojas, as fábricas, os armazéns, ou até mesmo, as avenidas, as ruas, os largos, as praças, os parques e os jardins, serão alguns de uma série de exemplos a considerar na organização da presente proposta. Ainda que Lisboa careça, a meu ver, de eventos do mesmo género, não lhe faltam potencial nem condições para a sua realização.

Para uma primeira edição estarão abertas inscrições<sup>31</sup> a um máximo de 10 espaços de tipologia diversa, podendo estes serem de propriedade pública, privada ou público-privada, não excluindo intervenções no espaço público.

Com a finalidade de se vir a adquirir uma maior diversidade de locais, serão tidos em conta, por um lado, os espaços cedidos pela Câmara Municipal de Lisboa, pela Junta de Freguesia e outras entidades locais ou não locais que sejam proprietárias de edifícios desocupados na freguesia de Alcântara que, na sequência da sua revitalização, precisem de ser dinamizados, e, por outro, os espaços cedidos por particulares que estejam interessados em oferecerem as suas propriedades em troca da sua ocupação e dinamização. Assim, a sua cedência exigirá o contato de ambas as instituições e de outras associações interessadas em colaborar no projeto, assim como dos proprietários de imóveis no bairro.

---

<sup>31</sup> Em anexo, constará um modelo de uma *open call for spaces*.

Ainda que o contato com a Câmara Municipal de Lisboa e com a Junta de Freguesia de Alcântara tenha sido feito, até à data não foram obtidas respostas, contudo, far-se-á referência às problemáticas que, na sequência da convocação de uma reunião, seriam abordadas:

- a) Apresentação da proposta – referência do tema, missão, objetivos e discussão da análise *SWOT*;
- b) Cedência de espaços – levantamento de espaços na freguesia;
- c) Condições dos espaços, conservação e segurança;
- d) Seleção de espaços consoante as condições de conservação e segurança, análise da regulamentação e legislação a cumprir;
- e) Apoios, recursos e cedência de material, como equipamento de som ou vídeo;
- f) Custos associados ao projeto.

Aos proprietários de imóveis no bairro que estejam interessados em cedê-los temporariamente – durante a duração do festival – a inscrição será feita por candidaturas *online* e os interessados em participar deverão preencher um formulário que irá ser disponibilizado pela organização, o qual irá incluir a seguinte informação:

- a) Tipologia do espaço;
- b) Morada (Rua, número da porta, andar, código postal);
- c) Breve descrição do espaço;
- d) Identificação (fotografia, vídeo).

Submetida a inscrição, ser-lhes-á, posteriormente, solicitado:

- a) Visita ao espaço;
- b) Documentação que assegure os termos e condições legais;
- c) Análise das condições de conservação e preservação.

Reunidos estes dados, deverá ser feito um inventário dos espaços que, consoante as informações recolhidas, reúnam as condições necessárias à sua seleção. Neste sentido, serão considerados os seguintes critérios de avaliação:

- a) Localização em Alcântara;

- b) Posição geográfica favorável;
- c) Condições de conservação e preservação do espaço;
- d) Cumprimento de termos e condições legais;
- e) Instalação de eletricidade, água e gás;
- f) Potencialidade e dinâmica do espaço;
- g) Liberdade de exposição assegurada.

Após a seleção, os artistas que farão parte do programa tomarão conhecimento desse levantamento, identificando, posteriormente, os locais que, consoante as presentes condições, estariam interessados em usar para exposição.



Figura 10 - Exposição Coletiva do 2º ano de Artes Plásticas do ano letivo de 2014/2015 em que os alunos expuseram trabalhos nas lojas desocupadas do Centro Comercial D. Carlos I antes da décima nona edição do *Caldas Late Night*, iniciativa intitulada de *Pré-Caldas*.

### 3.11 Obras

Encorajando a exposição de diferentes linguagens, a presente proposta pretende dar visibilidade, por um lado, aos suportes convencionais, como a pintura, a escultura ou o desenho, inseridos num novo contexto de rutura e, por outro, às práticas que, pelas dificuldades de incorporação, conservação e exposição, tendem a ser negligenciadas pelos museus e galerias, como a instalação ou a performance.

Apoiando uma prática experimental destituída do peso institucional, o evento permitirá a livre utilização de qualquer linguagem, suporte ou formato artístico:

- a) Materiais: pintura, escultura, desenho, fotografia, instalação, entre outras;
- b) Imateriais: vídeo, som, performance, dança, teatro, música, entre outras.

As obras poderão ser criadas especificamente para o evento, apostando, se o artista assim o pretender, numa lógica *site specific*, como poderão ser trabalhos já concretizados, dependendo da decisão do participante.

Os interessados participarão com um máximo de 3 obras – individuais ou séries – e a inscrição de trabalhos, como já foi informado, irá acompanhar a candidatura de cada artista<sup>32</sup>.

Cada um será responsável pela segurança da(s) sua(s) obra(s), não podendo nenhum encarregue responsabilizar-se por qualquer perda, acidente ou danos causados, antes, durante e após a realização do festival.

O ARTISTRUN.fest é um evento expositivo, de forma que não poderão ser vendidos trabalhos que integrem o circuito durante a sua exposição, contudo, aos interessados, crê-se que surgirão muitas oportunidades durante o festival, através do contato com agentes culturais, colecionadores, e outros potenciais consumidores.

---

<sup>32</sup> Informação detalhada no tópico que diz respeito aos artistas.



Figura 11 - A performance *OPERA III* inserida no programa *Zero Zeugma*, um projeto artístico que decorreu durante a décima nona edição do festival *Caldas Late Night* e ocupou cinco pisos dos Silos Contentor Criativo – uma antiga fábrica de moagem de trigo.

### 3.12 Análise SWOT

A análise SWOT, que deverá ser uma das etapas a considerar na planificação do evento, permitirá fazer uma análise dos pontos fortes – *strenghts* –, dos fracos – *weaknesses* –, das oportunidades ou vantagens – *opportunities* – e das ameaças ou dificuldades – *threats* – do projeto. A este respeito, deverão igualmente ser avaliados os fatores externos, aqueles que a organização do projeto não tem influência, e os internos, diretamente ligados com a sua organização e que advêm do desenvolver do seu funcionamento.

#### a) Fatores Internos

Pontos Fortes	Pontos Fracos
<ul style="list-style-type: none"><li>• Divulgação de novos artistas emergentes em Portugal.</li><li>• Divulgação de trabalhos que, pelas suas características, não são facilmente inseridos no formato institucional.</li><li>• Dinamização de espaços alternativos enquanto locais de exposição.</li><li>• Revitalização de espaços vazios ou devolutos.</li><li>• Criação de novas condições de trabalho.</li><li>• Promoção de circuitos expositivos alternativos.</li><li>• Acessível a todos os tipos de público.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Fraca adesão dos participantes, público e/ou comunidade.</li><li>• Tensões na cedência de espaços.</li></ul>

b) Fatores Externos

Oportunidades	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"><li>• Evento grátis.</li><li>• Aumento turístico.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Concorrência com outras exposições ou eventos culturais planeados para a mesma data.</li><li>• Fraca adesão dos participantes, público e/ou comunidade.</li></ul>

## 4. Conclusão

No decorrer da última década, o panorama artístico nacional veio a registar profundas mudanças na sua natureza, fator que tem vindo a contribuir para o esforço que artistas, críticos, curadores e outros agentes culturais, promovem na construção de um pensamento crítico (necessário) face às condições (mais atuais) da atividade artística, pois, ainda que as mudanças na capital tenham sido várias, a verdade é que não deixa de ser perceptível a relativa saturação dos modelos estabelecidos, quer em relação aos museus ou galerias, quer em relação às exposições, eventos, festivais, bienais e feiras de arte contemporânea, evidenciando, de certa forma, alguma precariedade do setor cultural.

Assim se confirma a necessidade de se fazer um balanço das transformações ocorridas nos últimos anos para, em seguida, se poderem projetar outras possibilidades de ação que consigam apoiar e valorizar novas dinâmicas de trabalho.

Como resposta ao desinteresse de alguns museus e galerias numa geração que não se vem a identificar com o panorama institucional, a curadoria independente veio a tornar-se parte da prática artística, fazendo com que vários artistas venham a assumir a função de curadores nas suas exposições.

A presente proposta, ainda em construção, apoiou-se, essencialmente, neste princípio e propôs a organização de um evento artístico-cultural sem fins lucrativos que privilegiasse o papel do artista-comissário.

Considerou-se Alcântara, uma antiga zona industrial, para a realização do festival. Uma vez que o processo de desindustrialização nos finais do século anterior deixou uma série de edifícios desocupados no bairro, a organização do festival seria uma forma de revitalizar e dinamizar estes espaços, parte deles, sob a tutela dos departamentos da Câmara Municipal de Lisboa, da Junta de Freguesia e de outras entidades, como instituições culturais ou associações da cidade. A JFA e a CML foram ambas contactadas para se vir a elencar os espaços que pudessem ser cedidos para a presente iniciativa, contudo, até à data, ainda não foram obtidas respostas da parte de nenhuma das entidades. Não excluindo as propriedades privadas, os espaços particulares foram, igualmente, considerados na participação do festival, para serem cedidos, temporariamente, em troca da sua manutenção – no caso dos desocupados – e dinamização.

Fixou-se, tendo em conta os eventos que se virão a realizar no terceiro trimestre do próximo ano – entre o final de Junho e início de Setembro –, uma calendarização que, segundo essa análise, poderá beneficiar a organização do festival.

Selecionou-se um tema que, considerando a atual situação da capital, se conseguisse facilmente relacionar e identificar com um maior número de artistas, bem como com os vários tipos de público.

Por fim, estipularam-se critérios (o menos hierarquizados possíveis) de participação e seleção de artistas, espaços e obras de forma a que a oferta conseguisse responder às necessidades do evento.

Apoiando-se no *Caldas Late Night*, a presente proposta foi o resultado da relação estabelecida entre os anos da minha licenciatura em Artes Plásticas nas Caldas da Rainha com o mestrado em Museologia em Lisboa. Foram anos a frequentar o festival e a minha participação na edição de 2015 revelou-se um período de grande estimulação artística a nível pessoal, aquilo que, com a organização desta iniciativa em Alcântara, pretendo partilhar com outros criadores.

## Referências Bibliográficas

a) Livros, artigos, dissertações e outras publicações

ALBERRO, Alexander; STIMSON, Blake (2009) *Institutional Critique: an anthology of artists' writings*. Massachusetts: The MIT Press.

ALVES, Margarida Brito; ERMIDA, Raquel (2017) 'A micropolítica e a dimensão invisível da coletivização das práticas artísticas em Portugal' in *Laboratório Colaborativo: Dinâmicas Urbanas, Património, Artes*. III Seminário de investigação, ensino e difusão.

ALVES, Margarida Brito; FAZENDA, Maria do Mar (2017) 'Museu, fechado para obras: outras narrativas institucionais em construção' in *Laboratório Colaborativo: Dinâmicas Urbanas, Património, Artes*. III Seminário de investigação, ensino e difusão.

ANDRÉ, Paula; NEVADO, Ana (2017) 'Visões práticas e colaborativas de casos de regeneração urbana in Lisboa' in *Laboratório Colaborativo: Dinâmicas Urbanas, Património, Artes*. III Seminário de investigação, ensino e difusão.

BRAVO, Anabela (2011) 'Ensaio sobre o mundo da arte e a sua relação com a crítica institucional' in *Revista de História das Ideias*, volume 32, p.235-247. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

CAEIRO, Mário Jorge (Direc.) (2007) *Lisboa Capital do Nada – Marvila, 2001 – criar, debater, intervir no espaço público*. Lisboa: Almedina.

COSTA, Pedro (Coord.) (2017) *Estratégias para a Cultura da Cidade de Lisboa 2017*. Câmara Municipal de Lisboa – Pelouro da Cultura.

DUARTE, Ana Rita Sequeira (2014) *O Espaço Público nas Estratégias de Reconversão de Antigas Zonas Industriais*. Dissertação para obtenção de grau Mestre em Arquitetura, Instituto Superior Técnico, UL.

GOLDBERG, RoseLee (2012) *A Arte da Performance: Do Futurismo ao Presente*. Lisboa: Orfeu Negro.

JÜRGENS, Sandra Vieira (2014) ‘Artistas-curadores: Novas condições para a exposição da arte’ in *Sub 40\_Arte e artistas no Porto. Geração pós-25 de Abril – para lá da memória conhecida*, p.42-57. Porto: Câmara Municipal do Porto.

JÜRGENS, Sandra Vieira (2006) ‘A Acção do Artista-Comissário’ in *Marte*, nº2, p.90-92.

JÜRGENS, Sandra Vieira (2006) ‘Salão Olímpico’ in *Salão Olímpico 2003/2006*, p.63-79. Fundação de Serralves/Centro Cultural Vila Flor.

JÜRGENS, Sandra Vieira (2016) *Instalações Provisórias – Independência, Autonomia, Alternativa e Informalidade. Artistas e Exposições em Portugal no Século XX*. Lisboa: Documenta.

KÖB, Eldbert; KRAVAGNA, Christian (Ed.) (2001) *The Museum as Arena: Artists on Institutional Critique*. Áustria: Kunsthaus Bregenz.

KRAUSS, Rosalind (1984) ‘A escultura no campo ampliado’ in *Gávea*, Revista do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil, número I, p.87-93.

LAGO, Pedro Manuel de Carvalho (2015) *A Desindustrialização de Alcântara – consequências sociais e urbanas*. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Sociologia, ISCTE-IUL.

SCHUBERT, Karsten (2009) *The Curator’s Egg: The evolution of the museum concept from the French Revolution to the present day*. London: Ridinghouse.

b) Artigos, reportagens e publicações online

CRISTINO, Sofia (2018) *Alcântara: um bairro ainda preso à memória fabril, mas de olhos postos no futuro* [Consult. 2018-07-23]. Disponível em <<https://ocorvo.pt/alcantara-um-bairro-ainda-pres-a-memoria-fabril-mas-de-olhos-postos-no-futuro/>>

FARIA, Óscar (1999) *Criadores no W.C.* [Consult. 2018-10-03]. Disponível em <<https://www.publico.pt/1999/02/19/jornal/criadores-no-wc-129836>>

FREIRE, Rita Silva (2009) *Fábrica de Ideias* [Consult. 2018-07-11]. Disponível em <<https://www.lxfactory.com/ficheiros/noticias/1258e2b95a73e18e33f7ed4d39a825f7.pdf>>

NARCISO, Natacha (2018) *Caldas Late Night “está bem vivo e cheio de saúde”* [Consult. 2018-10-09]. Disponível em <<https://gazetacaldas.com/cultura/caldas-late-night-esta-bem-vivo-cheio-saude/>>

OLIVEIRA, Luísa Soares de (2014) *Salvar o corpo* [Consult. 17-01-2018]. Disponível em <<https://www.publico.pt/2014/08/22/culturaipilon/noticia/salvar-o-corpo-1666794>>

SOUSA, Catarina Carneiro de (2010) *Caldeira 213: nem obra, nem autor* [Consult. 03-08-2018]. Disponível em <<http://www.caldeira213.net/index.html@p=12.html>>

### c) *Websites*

Câmara Municipal de Lisboa (2018) [Consult. 2018-05-28]. Disponível em <<http://www.cm-lisboa.pt>>

Instituto Nacional de Estatística (-) [Consult. 2018-06-12]. Disponível em <[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine\\_main&xpid=INE](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=INE)>

Junta de Freguesia de Alcântara (2016) [Consult. 2018-05-30]. Disponível em <<http://www.jf-alcantara.pt>>

Lx Factory (-) [Consult. 2018-07-20]. Disponível em <<https://lxfactory.com/PT/welcome/>>

Manifesto Futurista (-) [Consult. 2018-02-22]. Disponível em <<https://www.bl.uk/collection-items/manifesto-of-futurism>>

Manifesto *Fluxus* (-) [Consult. 2018-03-17]. Disponível em <<https://www.moma.org/collection/works/127947>>

Trans Europe Halles (-) [Consult. 2018-07-25]. Disponível em <<http://teh.net/about-us/>>

Village Underground (-) [Consult. 2018-08-02]. Disponível em <<http://vulisboa.com>>

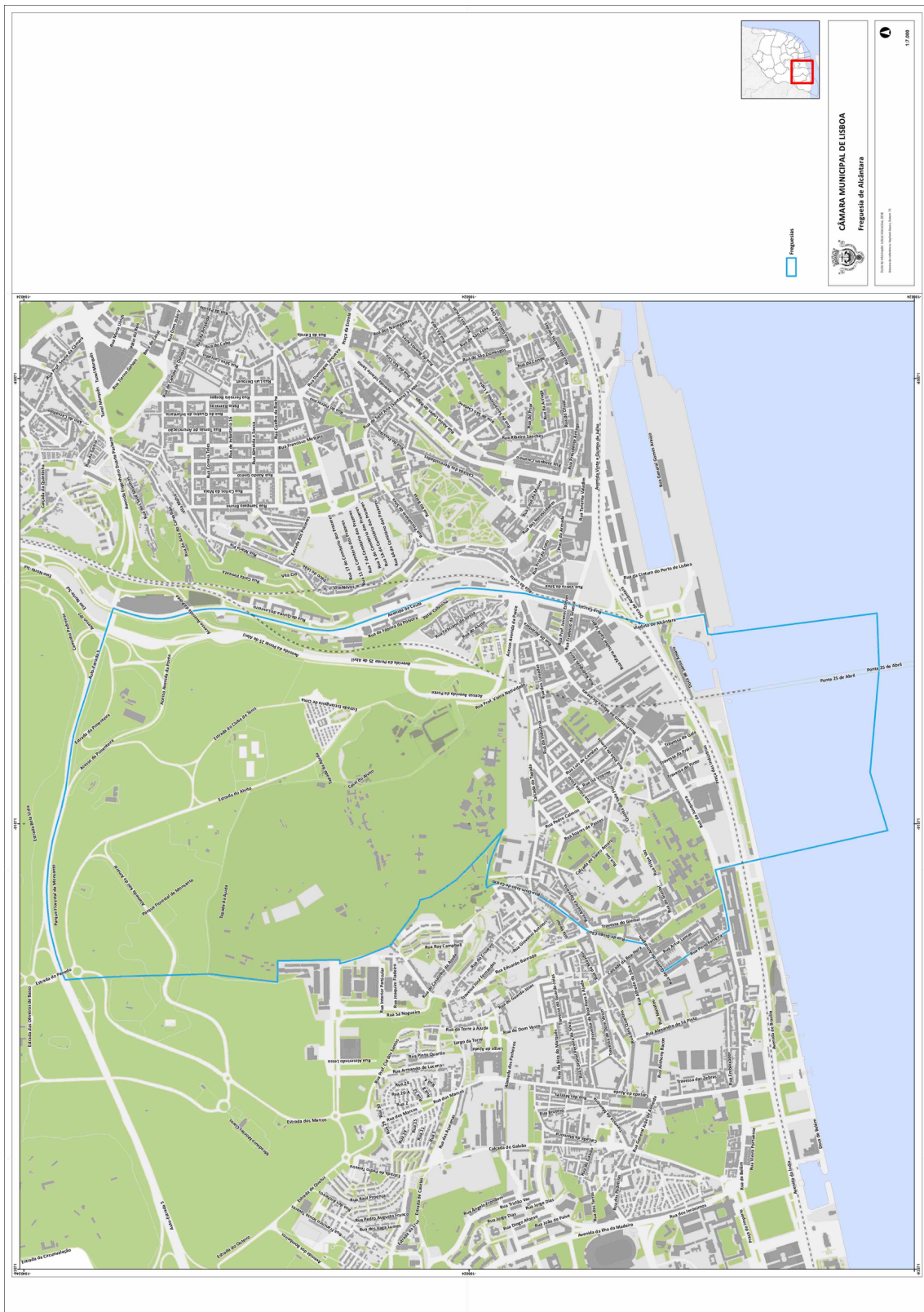
d) Ficheiros de vídeo

Entrevista a Isabel Ribeiro e José Maia no projeto de investigação *Canles Alternativas de Creación Experimental. O Eixo Atlántico (1975-2012)* (2012) [Consult. 04-08-2018]. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=q53xo6LZX1o&frags=p1%2Cwn>>

e) Ficheiros de áudio

Entrevista à Antena 2 com Mário Caeiro, Catarina Campino e Afonso Mação (2001) [Consult. 22-01-2018]. Disponível em <<https://iconline.ipleiria.pt/handle/10400.8/3034>>

# Anexo 1: Mapa de Alcântara



## **Anexo 2: Conversa com João Mourão**

Conversa informal com João Mourão, fundador, em conjunto com Luís Silva, do projeto *Kunsthalle Lissabon*, ‘instituição’ que criaram em 2009.

O diálogo teve lugar no espaço da associação no dia 09 de Agosto de 2018 e, de forma a assegurar a mesma linha de orientação da presente dissertação, só serão considerados os tópicos que acredito terem relevância para o seu desenvolvimento.

Na primeira parte, aquela que corresponde à fundação da *Kunsthalle Lissabon*, foram discutidas algumas das ideias que fazem da ‘instituição’ um espaço alternativo ao atual circuito galerístico na capital.

Na segunda parte, aquela que corresponde à apresentação e discussão da presente proposta, serão dadas algumas orientações que, na opinião de João Mourão, facilmente beneficiarão a organização do projeto e o desenvolvimento desta dissertação.

Transcrevemos, de seguida, excertos das observações de João Mourão:

1. A KL aparece para repensar também esses termos [de instituição, independência e alternativa] porque o que nós quisemos fazer, desde o início, foi criar a nossa própria ‘instituição’ que obviamente apresentasse modelos que já estão de algum modo estabelecidos, mas que ainda assim conseguíssemos repensar nesses modelos e o que é que é realmente uma instituição e o que significa instituir.

A KL aparece comigo e com o Luís Silva porque na altura também estávamos bastante descontentes com o panorama artístico em Lisboa. Claro que desde 2009 até agora o panorama artístico, como deves imaginar, é completamente diferente. Em 2009 tinhas a crise a começar e tinhas um meio muito mais fechado e completamente colapsado e dilacerado porque foi quando começaram a haver os cortes todos na DGA, portanto a KL começa já num momento em que sabíamos que teríamos de repensar estes modelos institucionais também por aí.

Acontece num prédio na Avenida da Liberdade, um espaço incrível, onde estavam cerca de 40 artistas a trabalharem em espaços que basicamente eram espaços auto-organizados onde existia esta ideia de uma comunidade autossustentável e de uma comunidade que se auxiliava e a KL é muito fruto disso também. Hoje era impossível tu pensares que havia ali um prédio inteiro completamente gratuito e que nós usávamos todos sem pagar água, luz, nada, ninguém pagava nada. Tinhas ali 40

estúdios de artistas em que tinhas artistas com 60 e tal anos com artistas acabadi-nhos de saírem da faculdade e esta possibilidade de troca foi incrível, mas há coisas que só acontecem em determinadas alturas e em determinados contextos.

Se no início nós começámos com a KL com a ideia de ‘nós não nos identificamos com nenhuma instituição em Lisboa e queremos criar a nossa’, quisemos ao mesmo tempo pôr as pessoas e a audiência a pensar no que é que é uma instituição. Quando a criámos, criámos com este nome que não é obviamente um nome português é germânico, mas que vem com esse peso todo em cima do que é uma *kunsthalle*. Há muitas pessoas no mundo da arte que sabem que uma *kunsthalle* é um espaço grande com fundos, um edifício incrível, e o que nós fizemos foi um bocadinho brincar com esta situação toda e quase criá-la como um ‘embuste’. O espaço começou por existir num espaço super pequeno e completamente decrépito e a ideia era que as pessoas quando entrassem ali tivessem esse confronto com o próprio nome do sítio e com o que elas pensavam que era uma *kunsthalle*. Os primeiros tempos foram todos a desmontar esta ideia de ‘embuste’ e o que é que era realmente uma instituição e foi quase jogar com a ideia de falsa instituição. A partir de determinada altura foram as próprias pessoas ou a audiência a reconhecerem a KL como uma instituição e a partir daí tivemos que alterar também o nosso *modus operandi* e começámos a pensar então numa instituição que fosse alicerçada em ideias de generosidade, sociabilidade e amizade.

(...)

O que nos interessava era que a instituição representasse o mundo em que tu queres viver e esse mundo em que tu queres viver é um mundo que, a nosso ver enquanto curadores, teria de ser um mundo mais justo, onde, por exemplo, as artistas mulheres tivessem muito mais acesso. Temos um número de artistas mulheres muito mais elevado [a participarem em exposições] do que homens. [Queríamos dar oportunidade a] geografias diferentes que não eram tão mostradas em Lisboa na altura e, por isso, começámos a mostrar muitos artistas do médio oriente e muitos artistas da américa latina.

A ideia era construirmos uma família e as exposições serem quase os resultados desta construção de amizade que tu fazias com os artistas, o que são sempre pro-

cessos lentos e de alguma intimidade. (...) O momento público é então a exposição, mas é também nesse momento que expões igualmente essa relação de amizade. A KL faz esta manutenção de relações.

(...)

Basicamente foi sempre a ideia também de pensarmos o que é que na altura ou ainda hoje achamos que Lisboa não tinha ou tem oferta. A Lisboa de 2009 é muito diferente de 2018 e, portanto, a KL, ao longo destes anos, se tem repensado e tem-se vindo alterado. Nós desde o início que temos muito medo de deixar de fazer sentido para o público.

(...)

Nós vamos fazer 10 anos, e aquilo que pensámos para a comemoração, nesta continuação de ideias de amizade e generosidade, foi entregar a chave da KL a outras instituições, [as quais] vêm apresentar aqui exposições durante o ano e serão instituições que irão gerir a KL durante esse período. Tem sido mais ou menos esse o percurso que temos feito com essa ideia de a KL, de algum modo, se constituir como esta teia de relações. (...) Por exemplo, na exposição do Naufus Ramírez-Figueroa, ele esteve aqui durante um mês a usar isto enquanto estúdio durante um mês e as peças foram todas feitas aqui. Não é tanto a ideia de um espaço informal como tu pensas nas Caldas da Rainha, mas é, de algum modo, nós possibilitarmos aos artistas e possibilidade de trabalharem de um modo [mais flexível?].

Nós temos mostrado muitos jovens artistas portugueses com a ideia de lhes dar oportunidade de trabalho no sentido já quase institucional do termo, isto é, trabalharem com *fees*, com dinheiro de produção e de trabalharem com uma instituição que já dá visibilidade e, nesse sentido, interessou-nos muito mais ir buscar jovens artistas do que artistas que já estão estabelecidos ou que já têm galeria.

(...)

Basicamente o que nós tentamos é: ‘temos estas práticas que nos interessam’ e falamos com o artista para perceber o que lhe interessa, de forma, a conseguirmos construir isso em conjunto.

(...)

Se pensares nas [grandes] instituições hoje em dia há muito esta coisa do artista ser ‘descartável’, és usado durante um bocadinho para aquela exposição que te interessa e a seguir passaste e pronto.

2. A Junta de Freguesia de Alcântara pode ser um parceiro interessante, no sentido de te darem algumas indicações sobre a freguesia, como o tipo de comunidade que vive ali, imagina, por exemplo, se queres usar os jardins, quais deles é que poderão ser usados, este tipo de coisas.

Depois, eles próprios devem ter alguns espaços que precisem de ser dinamizados e se tiveres logo a JFA como parceira, eles poderão, por exemplo, ajudar-te a chegares à comunidade local. Uma coisa é chegares à comunidade artística e tu aí consegues, através dos meios da própria comunidade, passar essa informação ali, mas será mais difícil passa-la aos moradores, se não tiveres um parceiro local que lhes consiga fazer chegar essa informação. (...) Isto para que não seja um ‘evento ovni’ que não vai assumir nada, basicamente, estes [representam] aquilo que é muito criticado nas artes hoje em dia também, porque são quase ‘eventos espetáculo’.

A Biblioteca Municipal de Alcântara também seria um bom parceiro.

Depois, é importante também se calhar perceberes que associações locais é que há por ali, imagina se tens associações de moradores, [ou outras] que funcionam lá, porque, geralmente, são locais que têm uns espaços simpáticos [que] já têm uma comunidade organizada à sua volta e, se calhar, até podes usa-los para fazer lá coisas.

(...)

Quando dizes que é Alcântara, tens de justificar muito bem porquê Alcântara, tens de conhecer os locais, podes nem desenvolver contatos porque poderás nem vir a organizar o evento e é chato andares a falar com toda a gente e depois não vai acontecer nada, mas, pelo menos, perceberes o que é que há e que fluxos é que podes ali ter.

Deves elencar na dissertação o fato de estes espaços informais permitirem uma construção de identidades que não é institucionalizada e essas possibilidades de criação através destes eventos que te podem, de algum modo, fazer pensar em

modelos de funcionamento de sociedade que, se calhar, não têm espaço nem liberdade na instituição.

### **Anexo 3: *Open Call for Artists***

Procuram-se artistas para fazerem parte de um novo projeto artístico-cultural em Alcântara nos dias 26, 27 e 28 de Julho.

O ARTISTRUN.fest – Festival Independente de Arte Contemporânea é um evento artístico-cultural sem fins lucrativos que se vai realizar em Alcântara nos dias 26, 27 e 28 de Julho de 2019.

Apoiando uma identidade informal, experimental e alternativa aos circuitos expositivos tradicionais, o festival propõe a criação de um ciclo de exposições em espaços não institucionais com a finalidade de se virem a criar novas condições de trabalho que consigam valorizar o papel do artista enquanto curador.

O artista-curador, também reconhecido como artista-comissário, figura em destaque na afirmação de uma cultura informal no panorama artístico português a partir dos anos noventa, remete para o artista que, ao organizar exposições por iniciativa própria, mantém um papel ativo na sua produção.

Serão aceites trabalhos nas áreas das artes visuais, artes plásticas e artes performativas, e linguagens como a pintura, o desenho, a escultura, a fotografia, o vídeo, a instalação, a performance, a música, o teatro, entre outras.

Estão abertas candidaturas a artistas entre os 18 e os 30 anos com formação na área das artes.

Os interessados deverão preencher o formulário disponível no *website*, anexar o *portfólio* e respetivo(s) trabalhos(s), e submeter a proposta até ao dia XX-XX-XX.

A participação no festival será remunerada e serão entregues certificados de participação a todos os artistas.

Mais informação no nosso *website*: <https://www.xxx.com>

## **Anexo 4: *Open Call for Spaces***

Procuram-se espaços em Alcântara para integrarem um projeto artístico-cultural que se vai realizar na freguesia nos dias 26, 27 e 28 de Julho.

O ARTISTRUN.fest – Festival Independente de Arte Contemporânea é um evento artístico-cultural sem fins lucrativos que se vai realizar em Alcântara nos dias 26, 27 e 28 de Julho de 2019.

Apoiando uma identidade informal, experimental e alternativa aos circuitos expositivos tradicionais, o festival propõe a criação de um ciclo de exposições em espaços não institucionais com a finalidade de se virem a criar novas condições de trabalho que consigam valorizar o papel do artista enquanto curador.

O artista-curador, também reconhecido como artista-comissário, figura em destaque na afirmação de uma cultura informal no panorama artístico português a partir dos anos noventa, remete para o artista que, ao organizar exposições por iniciativa própria, mantém um papel ativo na sua produção.

Procuram-se espaços que consigam servir de estúdio aos participantes e que, durante o festival, estejam abertos ao público com exposições e/ou outras intervenções artísticas. Qualquer espaço será considerado para aceitação mediante a sua posição geográfica, as suas condições de conservação e preservação, a sua potencialidade e a liberdade de exposição assegurada.

Estão abertas candidaturas aos proprietários com espaços em Alcântara que estejam interessados em cede-los durante o festival.

Os interessados deverão preencher o formulário disponível no *website* e submeter a candidatura até ao dia XX-XX-XX.

Mais informação no nosso *website*: <https://www.xxx.com>

## Anexo 5: CML – Guia Prático de Apoios ao Setor Cultural

### A. Conhecer os apoios

#### A.1. Tipos de apoio

Os apoios à cultura visam promover o desenvolvimento de iniciativas (projetos ou atividades) que sejam consideradas de interesse público municipal para a cidade de Lisboa e sejam realizadas por agentes culturais.

##### Existem dois tipos de apoio

- Apoio financeiro (que também pode incluir uma componente não financeira).
- Apoio não financeiro.

##### Os agentes culturais podem pedir mais do que um apoio ao Município de Lisboa

- Devem pedir um apoio para cada iniciativa (por exemplo: um para obras e outro para uma atividade; ou, se se tratarem de duas atividades que não estejam relacionadas, um para cada).
- Se ainda estiverem a implementar um apoio que lhes tenha sido atribuído, podem pedir outro apoio para outra iniciativa.
- Podem pedir apoios a outros pelouros do município (por exemplo: podem pedir um apoio à cultura e outro aos direitos sociais), desde que sejam para iniciativas diferentes.

Apenas tem que garantir que:

- os pedidos são sempre para iniciativas diferentes
- o mesmo custo não é coberto por mais do que uma fonte de financiamento, seja garantida pelo município ou por outra entidade.

#### Apoio financeiro

##### Iniciativas que podem ser apoiadas

- Desenvolvimento de projetos ou atividades culturais.
- Obras de construção, conservação ou beneficiação de instalações essenciais ao desenvolvimento de atividades culturais.
- Compra de equipamentos necessários ao desempenho das atividades e das entidades culturais.

Tenha em atenção que:

- **se não durarem mais de um ano**, as iniciativas devem iniciar-se e decorrer entre janeiro e dezembro do ano civil a seguir àquele em que o apoio foi pedido
- **se durarem mais de um ano (plurianuais)**, as iniciativas devem iniciar-se no ano civil a seguir àquele em que o apoio foi pedido, mas podem prolongar-se até aos dois anos civis a seguir ao ano do seu início.

### **Despesas elegíveis**

Podem ser apresentadas quaisquer despesas que sejam necessárias para a concretização da iniciativa. Caso existam dúvidas sobre a sua relevância, durante o processo de análise do pedido, o Município de Lisboa solicitará esclarecimentos.

### **Montante máximo de financiamento**

O apoio financeiro não pode ser superior a 60% do orçamento total do projeto, exceto quando:

- o Município de Lisboa é o principal promotor ou coprodutor
- os projetos dizem respeito a compromissos anteriormente assumidos pela câmara municipal ou pela assembleia municipal (por exemplo: através de um protocolo existente)
- a atribuição de um valor superior a 60% é imprescindível para a concretização de projetos de cooperação entre o Município de Lisboa e as entidades envolvidas (neste caso, quem pedir o apoio deve justificar essa necessidade).

### **Componente não financeira**

Junto com o pedido de apoio financeiro, também pode ser pedido um apoio não financeiro. Por exemplo, a cedência de:

- equipamentos (por exemplo: de luz e de som)
- espaços físicos (por exemplo: salas e armazéns)
- meios técnicos-logísticos (por exemplo: cadeiras, palcos, baias)
- meios de divulgação (por exemplo: impressão na imprensa municipal).

### **Apoio não financeiro**

#### **Tipos de apoio não financeiro**

O apoio não financeiro pode consistir, por exemplo, na cedência de:

- equipamentos (por exemplo: de luz e de som)
- espaços físicos (por exemplo: salas e armazéns)
- meios técnicos-logísticos (por exemplo: cadeiras, palcos, baias)
- meios de divulgação (por exemplo: impressão na imprensa municipal).

## A.2. Quem pode pedir apoio e condições de acesso

Podem pedir apoio:

- as pessoas singulares (por exemplo: artistas, produtores ou outros agentes culturais que atuem em nome individual)
- as pessoas coletivas (associações, cooperativas, empresas e fundações).

As condições de acesso que estas pessoas ou entidades devem cumprir dependem do tipo de apoio solicitado. Existem dois tipos de condições de acesso:

- condições aplicáveis a **apoio financeiro (de qualquer valor)** ou a **apoio não financeiro (de valor igual ou superior a 10 mil euros)**
- condições aplicáveis a **apoio não financeiro (de valor inferior a 10 mil euros)**.

**Quero apresentar um pedido não financeiro. Como consigo saber se atinge os 10 mil euros?**

O valor de um apoio não financeiro é definido pelos serviços do Município de Lisboa depois de analisarem os meios solicitados por quem pede o apoio (por exemplo: através da tabela de taxas). Por norma, estes pedidos só atingem os 10 mil euros quando se destinam a iniciativas de grande escala (por exemplo: grandes festivais).

Se tiver dificuldade em perceber se o valor do seu pedido vai atingir os 10 mil euros, contacte-nos (ver contactos na página 2).

### Apoio financeiro (qualquer valor) ou não financeiro (igual ou superior a 10 mil euros)

Quem pede o apoio	Condições de acesso que deve cumprir
Pessoa singular	<ul style="list-style-type: none"><li>• Estar inscrita na Base de Dados de Atribuição de Apoios (BDAA) – esta inscrição é explicada na seção <b>B. Apresentar um pedido de apoio</b> deste guia.</li><li>• Promover, no município de Lisboa, atividades de interesse cultural municipal.</li><li>• Não ter dívidas às Finanças, à Segurança Social, ao Município de Lisboa ou ao Estado de onde seja residente.</li></ul>
Pessoa coletiva	<ul style="list-style-type: none"><li>• Estar inscrita na Base de Dados de Atribuição de Apoios (BDAA) – esta inscrição é explicada na seção <b>B. Apresentar um pedido de apoio</b> deste guia.</li><li>• Estar legalmente constituída, ter os órgãos sociais regularmente preenchidos e os respetivos membros em efetividade de funções.</li><li>• Ter sede social no município ou aí promover atividades de interesse cultural municipal.</li><li>• Não ter dívidas às Finanças, à Segurança Social, ao Município de Lisboa ou ao Estado onde esteja estabelecida.</li></ul>

### Apoio não financeiro (inferior a 10 mil euros)

Quem pede o apoio	Condições de acesso
Pessoa singular	<ul style="list-style-type: none"><li>Promover, no município de Lisboa, atividades de interesse cultural municipal.</li></ul>
Pessoa coletiva	<ul style="list-style-type: none"><li>Estar legalmente constituída, ter os órgãos sociais regularmente preenchidos e os respetivos membros em efetividade de funções.</li><li>Ter sede social no município ou, não tendo aí sede, promover em Lisboa atividades de interesse cultural municipal.</li></ul>

### A.3. Prazo para apresentação do pedido

O prazo para a apresentação do pedido depende do tipo de apoio solicitado.

Existem três tipos de prazo:

- prazo aplicável a **apoio financeiro (de qualquer valor)**
- prazo aplicável a **apoio não financeiro (de valor igual ou superior a 10 mil euros)**
- prazo aplicável a **apoio não financeiro (de valor inferior a 10 mil euros)**.

#### Quero apresentar um pedido não financeiro. Como consigo saber se atinge os 10 mil euros?

O valor de um apoio não financeiro é definido pelos serviços do Município de Lisboa depois de analisarem os meios solicitados por quem pede o apoio (por exemplo: através da tabela de taxas). Por norma, estes pedidos só atingem os 10 mil euros quando se destinam a iniciativas de grande escala (por exemplo: grandes festivais).

Se tiver dificuldade em perceber se o valor do seu pedido vai atingir os 10 mil euros, contacte-nos (ver contactos na página 2).

### **Prazo para pedido de apoio financeiro (qualquer valor)**

O prazo normal para entrega deste tipo de pedido de apoio é até às **23:59 do dia 31 de julho do ano anterior ao da execução da iniciativa** (por exemplo: se a iniciativa é em 2019, o pedido deve ser entregue até 31 de julho de 2018).

Fora desse prazo, aplicam-se apenas as seguintes situações de exceção:

<b>Situação de exceção</b>	<b>Prazo aplicável</b>
Quando quem pede o apoio já tem um contrato-programa, com o Município de Lisboa, sem cláusula de renovação automática.	Dentro do prazo que estiver no contrato.
Quando o pedido não foi entregue dentro do prazo normal, porque até essa data-limite a iniciativa não estava prevista.	Em qualquer data, desde que quem solicita o apoio comprove que se trata de uma iniciativa de interesse municipal.

### **Prazo para pedido de apoio não financeiro (igual ou superior a 10 mil euros)**

Pode ser entregue a qualquer momento.

No entanto, aconselhamos a entrega do pedido até 120 dias úteis antes da data da necessidade do apoio.

### **Prazo para pedido de apoio não financeiro (inferior a 10 mil euros)**

Pode ser entregue a qualquer momento.

No entanto, aconselhamos a entrega do pedido até 45 dias úteis antes da data da necessidade do apoio.

## A.4. Critérios de seleção

É com base nos critérios de seleção que os pedidos de apoio são analisados.

Estes critérios estão definidos no artigo 9.º do [RAAML \(Regulamento de Atribuição de Apoios pelo Município de Lisboa\)](#):

### Critérios gerais

- a) Qualidade e interesse do projeto ou atividade.
- b) Continuidade do projeto ou atividade e qualidade de execuções anteriores.
- c) Criatividade e inovação do projeto ou atividade.
- d) Consistência do projeto de gestão, determinada, designadamente, pela adequação do orçamento apresentado às atividades a realizar.
- e) Capacidade de angariação de outras fontes de financiamento ou de outros tipos de apoio, designadamente, participações de outras entidades, mecenato ou patrocínio.
- f) O número potencial de beneficiários e público-alvo dos projetos ou atividade.
- g) Capacidade dos intervenientes, demonstrada, designadamente através dos respetivos currículos e de informação relativa a atividades ou projetos desenvolvidos em anos anteriores.
- h) Não contrariedade dos objetivos dos projetos ou atividades propostas e as [linhas programáticas do Município na área cultural](#) e outras constantes das [Grandes Opções do Plano](#).

### Critérios específicos da área cultural

- a) Interesse cultural, qualidade artística e técnica do projeto ou do plano de atividades.
- b) Sustentabilidade do plano de atividades ou do projeto e o seu contributo para a dinamização cultural de Lisboa.
- c) Valorização do património cultural do Município de Lisboa.
- d) Investigação, experimentação e capacidade de inovação.
- e) Valorização da criação multicultural.
- f) Parcerias de produção e intercâmbio, nacional ou internacional.
- g) Estratégia de captação e sensibilização de públicos.
- h) Iniciativas destinadas a públicos infantis e juvenis, nomeadamente, complementares das atividades curriculares, fomentando o interesse das crianças e jovens pela cultura.
- i) Iniciativas a desenvolver em zonas da cidade ou junto de populações com menor acesso às atividades ou projetos artísticos e culturais propostos.
- j) Atividades ou projetos artísticos e culturais acessíveis a pessoas com deficiência.

## A.5. O que acontece depois de entregar um pedido

### Apoios financeiros

A análise de um pedido de apoio financeiro funciona da seguinte forma:

#### 1. Entrega do pedido ao município

Por norma, o pedido deve ser entregue até dia 31 de julho do ano anterior ao da execução da iniciativa (ver seção A.3. **Prazo para apresentação do pedido**).

#### 2. Análise do pedido pelo município

O pedido é analisado pela equipa técnica do pelouro da cultura. Se for necessário, durante a análise, esta equipa pode contactar quem fez o pedido para solicitar mais documentação ou outros elementos.

#### 3. Decisão do município

A decisão da atribuição ou não atribuição de apoio só é comunicada a quem fez o pedido depois de ser aprovado o orçamento municipal do ano de execução da iniciativa (ou seja, o ano a seguir ao da entrega do pedido de apoio).

Por norma, o orçamento municipal é aprovado até ao final do primeiro trimestre do ano. Por isso, a decisão só é comunicada após essa data e com a antecedência possível em relação à data em que a iniciativa se realiza.

Por exemplo, **um pedido feito em 2018 só será decidido a partir de abril de 2019.**

#### 4. Início dos pagamentos

Se o pedido de apoio for aprovado, **os pagamentos são feitos de acordo com o indicado na seção C. Concretizar um apoio atribuído** deste guia.

## **Apoios não financeiros**

### **Tenha em atenção que**

Se fizer um pedido de apoio não financeiro em conjunto com um pedido de apoio financeiro (ou seja, no mesmo formulário), aplica-se a ambos o processo de análise do pedido de apoio financeiro.

A análise de um pedido de apoio não financeiro funciona da seguinte forma:

### **1. Entrega do pedido ao município**

Para que o pedido possa ser apreciado com a maior antecedência possível, em relação à data em que necessita do apoio, devem ser respeitados os prazos aconselhados para a entrega (ver seção A.3. Prazo para apresentação do pedido).

### **2. Análise do pedido pelo município**

O pedido é analisado pela equipa técnica do pelouro da cultura. Se for necessário, durante a análise, esta equipa pode contactar quem fez o pedido para solicitar mais documentação ou outros elementos.

### **3. Decisão do município**

Além do resultado da análise, a atribuição de apoio não financeiro está condicionada pela disponibilidade dos serviços municipais responsáveis pela cedência (por exemplo: disponibilidade dos meios solicitados para as datas pretendidas).

## B. Apresentar um pedido de apoio

Existem dois tipos de forma de apresentação de um pedido de apoio:

- uma é aplicável a estes tipos de pedidos:
  - **apoio financeiro (de qualquer valor)**, que pode ter uma componente de apoio não financeiro (de qualquer valor)
  - **apoio não financeiro (de valor igual ou superior a 10 mil euros)**
- a outra é aplicável a **apoio não financeiro (de valor inferior a 10 mil euros)**.

**Quero apresentar um pedido não financeiro. Como consigo saber se atinge os 10 mil euros para escolher a forma correta de o apresentar?**

O valor de um apoio não financeiro é definido pelos serviços do Município de Lisboa depois de analisarem os meios solicitados por quem pede o apoio (por exemplo: através da tabela de taxas). Por norma, estes pedidos só atingem os 10 mil euros quando se destinam a iniciativas de grande escala (por exemplo: grandes festivais).

Se tiver dificuldade em perceber se o valor do seu pedido vai atingir os 10 mil euros, contacte-nos (ver contactos na página 2).

### B.1. Apoio financeiro (qualquer valor) ou não financeiro (igual ou superior a 10 mil euros)

Estas instruções destinam-se à apresentação destes tipos de pedidos:

- **apoio financeiro (de qualquer valor)**, que pode ter uma componente de apoio não financeiro (de qualquer valor)
- **apoio não financeiro (de valor igual ou superior a 10 mil euros)**.

#### 1.º passo: faça a inscrição na Base de Dados de Atribuição de Apoios (BDAA)

**Se já tiver uma inscrição na BDAA, atualize-a antes de entregar o pedido**

Antes de entregar o pedido de apoio, confirme se a sua inscrição na BDAA está atualizada. Os elementos que devem estar atualizados e a forma como deve pedir a sua atualização estão indicados no **anexo 1**.

Antes de fazer a inscrição, tenha em atenção o seguinte:

- este registo é obrigatório e só precisa de fazê-lo uma única vez
- pode entregá-lo em conjunto com o pedido de apoio

- o pedido de apoio só é apreciado depois de a inscrição na BDAA ser validada pelo Município de Lisboa (se houver algum documento ou elemento em falta que impossibilite a validação, será contactado pelos serviços do município)
- em caso de falta de algum documento ou elemento, tem 20 dias para os enviar a contar da data em que receber o pedido do Município de Lisboa
- deve atualizar a sua inscrição todos os anos para que não seja suspensa (veja no **anexo 1** os elementos que devem ser atualizados e como o fazer)
- se, depois de se inscrever, alguns dos seus dados se alterar, deve informar o Município de Lisboa no prazo de 30 dias (veja como fazê-lo no **anexo 1**).

### Documentos e elementos que precisa de entregar

O pedido de inscrição deve conter todos estes documentos ou elementos:

#### 1. Formulário de inscrição

[Fazer download do formulário](#)

#### 2. Certidões de não dívida

Junte certidões válidas de não dívida às Finanças e à Segurança Social.

Em alternativa, pode dar autorização para que o Município de Lisboa consulte essa informação junto dessas entidades, de forma eletrónica. Para isso, contacte-as e use estes dados do município:

- nas Finanças, indique o NIPC 500 051 070
- na Segurança Social, indique o NISS 200 050 474 35.

Se der estas autorizações, refira-as no formulário (em “outros” na lista de documentos”).

#### 3. Se for uma entidade, também são necessários os seguintes documentos e elementos

Quem se quer inscrever	Documentos necessários
Associação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cópia da escritura pública de constituição.</li> <li>• Cópia da publicação em Diário da República dos estatutos da entidade ou organismo (não aplicável às entidades constituídas após 31 de outubro de 2007).</li> <li>• Cópia da ata referente à eleição dos órgãos sociais em exercício.</li> <li>• Cópia do regulamento interno, quando previsto nos estatutos.</li> <li>• Declaração, assinada, indicando o número de associados.</li> <li>• Cópia dos relatórios de atividades e contas do exercício económico anterior e ata da sua aprovação (não aplicável se a entidade tiver sido criada no presente ano).</li> </ul>
Empresa / Cooperativa	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Código da certidão permanente.</li> <li>• Cópia do regulamento interno, quando previsto nos estatutos.</li> <li>• Cópia dos relatórios de atividades e contas do exercício económico anterior e ata da sua aprovação (não aplicável se a entidade tiver sido criada no presente ano).</li> </ul>

Fundação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cópia do despacho ministerial de reconhecimento da fundação.</li> <li>• Cópia da publicação em Diário da República dos estatutos da entidade ou organismo (não aplicável às entidades constituídas após 31 de outubro de 2007).</li> <li>• Cópia do regulamento interno, quando previsto nos estatutos.</li> <li>• Cópia dos relatórios de atividades e contas do exercício económico anterior e ata da sua aprovação (não aplicável se a entidade tiver sido criada no presente ano)</li> </ul>
----------	---

### Onde fazer a inscrição

Entregue os elementos e documentos necessários, através dos seguintes meios:

#### Por email

Enviar para [municepe@cm-lisboa.pt](mailto:municepe@cm-lisboa.pt) (máximo de 4MB por email).

#### Por correio (registado com aviso de receção)

Município de Lisboa, Divisão de Relação com o Múncipe  
 Campo Grande, 25 - Piso 0  
 1749-099 Lisboa

#### Na Loja Lisboa Cultura ou em qualquer outra loja de atendimento municipal

- Consultar contactos da Loja Lisboa Cultura na página 2 deste guia.
- [Consultar contactos das restantes lojas de atendimento municipal.](#)

## 2.º passo: entregue o pedido de apoio

### Se não fez a inscrição na BDAA, porque já tinha uma, tenha atenção ao seguinte

Antes de entregar o pedido de apoio, confirme se a sua inscrição na BDAA está atualizada. Os elementos que devem estar atualizados e a forma como deve pedir a sua atualização estão indicados no **anexo 1**.

### Documentos e elementos que precisa de entregar

A entrega do pedido deve conter todos estes documentos ou elementos:

#### 1. Formulário do pedido de apoio

[Fazer download do formulário](#)

Se entregar a inscrição na BDAA em simultâneo com o pedido de apoio, não precisa de preencher o campo "N.º BDAA".

## **2. Memória descritiva da iniciativa**

Inclua informações claras e detalhadas sobre:

- a iniciativa (projeto, atividade, obra ou equipamento a adquirir)
- os objetivos a atingir.

Se o pedido de apoio incluir uma componente não financeira (equipamentos, espaços físicos, meios técnicos-logísticos ou meios de divulgação), deve indicar de forma clara e precisa os meios que solicita ao município. Entre outras informações que julgue relevantes, indique: os meios, as características técnicas que devem ter, as datas em que são necessários e as quantidades.

## **3. Descrição da equipa (se aplicável)**

Inclua informações sobre:

- os meios humanos envolvidos e a sua experiência em projetos semelhantes
- a biografia de quem pede o apoio (pessoa ou entidade), indicando as atividades que já desenvolveu
- a biografia dos artistas líderes da iniciativa
- a biografia dos membros do órgão de administração (direção, conselho de administração ou similar), quando o apoio é pedido em nome de uma entidade.

Não é necessário apresentar a descrição da equipa quando o pedido de apoio é para obras ou para aquisição de equipamento.

## **4. Orçamento de despesas e receitas**

Discrimine de forma clara:

- as despesas
- as receitas:
  - as receitas próprias (por exemplo: bilheteira)
  - outros financiamentos (apoios financeiros, apoios patrimoniais ou apoios logísticos)
  - o valor do apoio solicitado ao Município de Lisboa.

## **5. Cronograma financeiro**

Indique de forma clara as datas em que:

- as despesas terão de ser efetivamente pagas
- serão recebidas outras receitas (outros apoios ou receitas próprias).

## **6. Cronograma de execução**

Indique de forma clara:

- as datas de início e de fim da iniciativa
- as diferentes fases da sua execução e as respetivas datas.

## **7. Certidões de não dívida (se aplicável)**

Junte certidões válidas de não dívida às Finanças e à Segurança Social.

Em alternativa, pode dar autorização para que o Município de Lisboa consulte essa informação junto dessas entidades, de forma eletrónica. Para isso, contacte-as e use estes dados do município:

- nas Finanças, indique o NIPC 500 051 070
- na Segurança Social, indique o NISS 200 050 474 35.

Se der estas autorizações, refira-as no formulário (em “outros” na lista de documentos”).

Não precisa de entregar estas certidões de não dívida:

- **se não estiver inscrito na BDAA** e fizer a inscrição na BDAA em simultâneo com a entrega do pedido de apoio (para se inscrever na BDAA, vai ter de entregar estas certidões ou dar autorizações de consulta)
- **se estiver inscrito na BDAA** e as certidões que lá estão ou as autorizações de consulta que deu ainda estiverem atualizadas.

#### **8. Declaração de honra**

Uma declaração sob compromisso de honra em como:

- a pessoa ou entidade que pede o apoio não foi condenada nos tribunais por factos relativos à prossecução dos seus objetivos
- o apoio solicitado se destina, exclusivamente, à iniciativa (projetos ou atividades, obra ou aquisição objeto do pedido de apoio).

No **anexo 2** pode encontrar uma minuta desta declaração.

#### **9. Outros documentos e elementos (facultativo)**

Pode juntar outros documentos ou elementos que julgue necessários à análise do pedido de apoio de acordo com os critérios de seleção gerais e específicos da área cultural.

Os critérios de seleção podem ser consultados na seção **A. Conhecer os apoios** deste guia.

#### **Onde entregar o pedido de apoio**

Entregue os elementos e documentos necessários, através dos seguintes meios:

##### **Por email**

Enviar para [municipe@cm-lisboa.pt](mailto:municipe@cm-lisboa.pt) (máximo de 4MB por email), com conhecimento (em CC) para [loja.lisboa.cultura@cm-lisboa.pt](mailto:loja.lisboa.cultura@cm-lisboa.pt).

##### **Por correio (registado com aviso de receção)**

Município de Lisboa, Divisão de Relação com o Município  
Campo Grande, 25 - Piso 0  
1749-099 Lisboa

A data do carimbo do correio deve ser igual ou anterior a 31 de julho.

### Na Loja Lisboa Cultura ou em qualquer outra loja de atendimento municipal

- Consultar contactos da Loja Lisboa Cultura na página 2 deste guia.
- [Consultar contactos das restantes lojas de atendimento municipal.](#)

Se, depois de entregar o pedido, quiser saber informações sobre o estado do processo, contacte a Loja Lisboa Cultura (ver contactos na página 2).

## B.2. Apoio não financeiro (inferior a 10 mil euros)

Estas instruções destinam-se à apresentação de um **pedido de apoio não financeiro de valor inferior a 10 mil euros**.

### Quero apresentar um pedido não financeiro. Como consigo saber se atinge os 10 mil euros para escolher a forma correta de o apresentar?

O valor de um apoio não financeiro é definido pelos serviços do Município de Lisboa depois de analisarem os meios solicitados por quem pede o apoio (por exemplo: através da tabela de taxas). Por norma, estes pedidos só atingem os 10 mil euros quando se destinam a iniciativas de grande escala (por exemplo: grandes festivais).

Se tiver dificuldade em perceber se o valor do seu pedido vai atingir os 10 mil euros, contacte-nos (ver contactos na página 2).

### Documentos e elementos que precisa de entregar

A entrega do pedido deve conter todos estes documentos ou elementos:

#### 1. Formulário do pedido de apoio

[Fazer download do formulário](#)

#### 2. Memória descritiva da iniciativa

Inclua informações sobre:

- a iniciativa (descrição do projeto, atividade, obra ou equipamento a adquirir)
- os objetivos a atingir
- os meios humanos envolvidos
- as restantes fontes de apoio (financeiro, patrimonial e logístico)
- a indicação clara e precisa dos meios que solicita ao município (entre outras informações que julgue relevantes, indique: os meios, as características técnicas que devem ter, as datas em que são necessários e as quantidades).

### **3. Para montagem de estruturas, são necessários os seguintes documentos (se aplicável)**

Se assumir a responsabilidade de montar as estruturas cedidas pelo Município de Lisboa, também tem de entregar:

- uma carta de apresentação e cópia do alvará da empresa que fará a montagem (deve ser uma empresa certificada e habilitada para tal)
- uma cópia do seguro de responsabilidade civil
- um termo de responsabilidade civil, assinado por quem pede o apoio (exceto nos casos em que esse termo tenha de ser legalmente emitido por um técnico credenciado – por exemplo: um plano de segurança).

### **4. Outros documentos e elementos (facultativo)**

Pode juntar outros documentos ou elementos que julgue necessários à análise do pedido de apoio.

### **Onde entregar o pedido de apoio**

Entregue os elementos e documentos necessários, através dos seguintes meios:

#### **Por email**

Enviar para [municipe@cm-lisboa.pt](mailto:municipe@cm-lisboa.pt) (máximo de 4MB por email), com conhecimento (em CC) para [loja.lisboa.cultura@cm-lisboa.pt](mailto:loja.lisboa.cultura@cm-lisboa.pt).

#### **Por correio (registado com aviso de receção)**

Divisão de Relação com o Múncipe  
Município de Lisboa  
Campo Grande, 25 - Piso 0  
1749-099 Lisboa

#### **Na Loja Lisboa Cultura ou em qualquer outra loja de atendimento municipal**

- Consultar contactos da Loja Lisboa Cultura na página 2 deste guia.
- [Consultar contactos das restantes lojas de atendimento municipal.](#)

Se, depois de entregar o pedido, quiser saber informações sobre o estado do processo, contacte a Loja Lisboa Cultura (ver contactos na página 2).

## C. Concretizar um apoio atribuído

### C.1. Apoio financeiro (qualquer valor) ou não financeiro (igual ou superior a 10 mil euros)

#### Contratualização

Quando um apoio é aprovado, é celebrado um contrato-programa entre o beneficiário do apoio (pessoa ou entidade) e o Município de Lisboa.

A minuta de contrato-programa está disponível para consulta no anexo IV do [RAAML \(Regulamento de Atribuição de Apoios pelo Município de Lisboa\)](#).

#### Incumprimento do contrato-programa

O incumprimento das contrapartidas ou das condições estabelecidas no contrato-programa pode implicar, entre outras consequências:

- a rescisão imediata do contrato por parte do município
- a devolução dos montantes recebidos pelo beneficiário
- a devolução imediata dos bens cedidos pelo município ao beneficiário, sem prejuízo das devidas indemnizações pelo uso indevido e danos sofridos
- a não atribuição de novos apoios a esse beneficiário num período a estabelecer pelo município.

Se alguma destas consequências for decidida pelo município, o beneficiário pode recorrer da decisão e os serviços municipais têm 30 dias para dar uma resposta.

#### Revisão do contrato-programa

Este contrato-programa pode ser revisto:

- por acordo entre o município e o beneficiário, quando se mostre estritamente necessário, ou
- unilateralmente, pelo Município, devido a imposição legal ou ponderoso interesse público.

Estas alterações estão sempre sujeitas à prévia aprovação da Câmara Municipal.

## Contrapartidas

Serão definidas, caso a caso, contrapartidas que o beneficiário do apoio terá de dar ao município. Por exemplo: convites para os eventos, exemplares de edições, participação gratuita em atividades.

## Publicidade

O beneficiário do apoio fica obrigado a publicitar o apoio em todos os suportes de promoção/divulgação e em toda a informação difundida nos diversos meios de comunicação. Deve fazê-lo, da seguinte forma:

- mencionar “Com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa”, e
- incluir o logótipo da Câmara Municipal de Lisboa.

[Fazer download do logótipo e do manual de normas](#)

## Pagamentos

Para que os pagamentos possam ser feitos, é necessário que a inscrição na BDAA se encontre atualizada (ver **anexo 1**).

O faseamento dos pagamentos é o seguinte:

Prazo de execução da iniciativa apoiada	Forma de faseamento dos pagamentos
Igual ou inferior a um mês	Uma única prestação, após a assinatura do contrato-programa.
Superior a um mês	<b>Primeira prestação</b> 60% do valor do apoio, após a assinatura do contrato-programa.  <b>Segunda prestação</b> 40% do valor do apoio, após: <ul style="list-style-type: none"><li>• a conclusão da iniciativa</li><li>• a entrega do relatório de execução física e financeira, e</li><li>• a entrega dos documentos justificativos das despesas (faturas) de valor igual ou superior ao valor do apoio.</li></ul>

Nas iniciativas com uma duração superior a um mês e cuja complexidade ou duração o justifiquem, o beneficiário do apoio pode pedir para receber o valor em três ou mais prestações. Para isso, deve apresentar um cronograma financeiro detalhado que fundamente essa necessidade. Esta alteração de faseamento dos pagamentos está sujeita a aprovação em reunião da câmara.

Os pagamentos ficam condicionado pela disponibilidade orçamental e de tesouraria do município.

## Monitorização

### Relatório de execução

O beneficiário do apoio deve apresentar um relatório de execução física e financeira, num prazo de 30 dias após a conclusão da iniciativa.

[Fazer download do modelo obrigatório para o relatório](#)

### Documentos de despesa

O beneficiário do apoio deve guardar os documentos de despesa (faturas) que justificam a aplicação do apoio. O município pode, a qualquer momento, pedir a sua consulta.

Os apoios financeiros de valor superior a 116.666,67 euros estão sujeitos a uma auditoria obrigatória por parte do Departamento de Auditoria Interna do Município de Lisboa.

## C.2. Apoio não financeiro (inferior a 10 mil euros)

O beneficiário do apoio fica obrigado a publicitar o apoio em todos os suportes de promoção/divulgação e em toda a informação difundida nos diversos meios de comunicação. Deve fazê-lo, da seguinte forma:

- mencionar “Com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa”, e
- incluir o logótipo da Câmara Municipal de Lisboa.

[Fazer download do logótipo e do manual de normas](#)

## Anexo 6: CML – Documentos a Entregar para a Oficialização da Proposta



Câmara Municipal de Lisboa

### ATRIBUIÇÃO DE APOIO FINANCEIRO E / OU NÃO FINANCEIRO

#### Documentos a entregar

	Entregue	Em falta
1. Requerimento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Descrição dos projetos ou atividades, objetivos a atingir, meios humanos e identificação das fontes de apoio financeiro, patrimonial e logístico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Orçamento discriminado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Cronograma financeiro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Cronograma de execução física	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Indicação dos apoios recebidos no âmbito do objeto do pedido e respetivas datas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Descrição da experiência similar em projetos idênticos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Relatório de atividades e contas referentes ao último exercício económico e respetiva ata de aprovação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Certidão comprovativa da situação contributiva regularizada perante o Estado**	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Certidão comprovativa da situação contributiva regularizada perante a Segurança Social**	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

(\*\*) Em substituição destas certidões, a CML pode consultar a situação contributiva das entidades que solicitam apoio, através do portal das [Finanças](#) e do portal da [Segurança Social](#).

Para que esta consulta seja autorizada, é necessário que a entidade insira os dados da CML nos respetivos portais:

Número de Identificação Fiscal - 500 051 070

Segurança Social - 200 050 474 35

#### Legislação aplicável

Regulamento de Atribuição de Apoios pelo Município de Lisboa - Boletim Municipal n.º 711/2008, 7º suplemento, de 27 de novembro



## Câmara Municipal de Lisboa

Atribuição de apoio financeiro e/ou não financeiro

### Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa

#### Identificação da entidade

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_ Código Postal \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

Localidade \_\_\_\_\_

Documento de identificação n.º \_\_\_\_\_ Validade \_\_\_\_\_ NIF / NIPC \_\_\_\_\_

Telefone \_\_\_\_\_ Telemóvel \_\_\_\_\_ E-mail \_\_\_\_\_

N.º BDAA - Base de Dados para Atribuição de Apoios  
(caso não esteja inscrito, preencha o respetivo formulário)

Contacto preferencial / Função \_\_\_\_\_

Autorizo o envio de notificações via e-mail para efeitos do presente pedido

#### Vem requerer atribuição de apoio

##### Área de apoio

Social  Cultural  Desportiva  Recreativa  Outra \_\_\_\_\_

Nome da atividade ou projeto \_\_\_\_\_

#### Tipo de apoio

##### Apoio financeiro

- À atividade com vista à continuidade ou incremento de projetos ou atividades
- Para obras de construção, conservação ou beneficiação de instalações
- Na aquisição de equipamentos sociais, desportivos, culturais, recreativos ou outros

##### Apoio não financeiro

Cedência de

- Equipamentos / recursos materiais
- Espaços físicos
- Instalações municipais
- Meios técnicos e logísticos
- Outro. Indique qual \_\_\_\_\_

Especifique o tipo de cedência



## Câmara Municipal de Lisboa

### DECLARAÇÃO

1. Declaro sob compromisso de honra que esta entidade não foi condenada nos tribunais por factos relativos à prossecução dos seus objetivos (alínea f), n.º 1, artigo 8.º do RAAML)
2. Declaro sob compromisso de honra que o apoio solicitado se destina, exclusivamente, aos projetos ou atividades objeto do pedido de apoio (alínea g), n.º 1, artigo 8.º do RAAML)
3. Tomei conhecimento que a não apresentação dos documentos em falta terá como consequência a não apreciação do pedido.

Lisboa, \_\_\_\_\_

Pede deferimento

O Técnico de Atendimento **verifica o processo** e aconselha o requerente a não entregar o mesmo sem que esteja completo.

(área reservada aos Serviços)

Lisboa, \_\_\_\_\_

O Técnico de Atendimento

### INFORMAÇÃO SOBRE PROTEÇÃO DE DADOS PESSOAIS

Os presentes dados serão objeto de tratamento informático.

Os dados pessoais transmitidos serão tratados nos termos da Lei n.º 67/98, de 26 de outubro, que transpõe para a ordem jurídica interna a Diretiva n.º 95/46/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 24 de outubro de 1995, relativa à proteção das pessoas singulares e à livre circulação desses dados - Lei da Proteção de Dados Pessoais.

O titular dos dados pessoais tem direito à informação, acesso e oposição, nos termos do disposto nos artigos 10.º, 11.º e 12.º da Lei da Proteção de Dados Pessoais.

Direito de informação:

- Responsável pelo tratamento - Câmara Municipal de Lisboa
- Finalidades de tratamento - Tratamento de dados com vista ao processamento de pagamentos ao requerente
- Serviço municipal com competência - Departamento de Contabilidade



## Câmara Municipal de Lisboa

### INSCRIÇÃO NA BASE DE DADOS PARA ATRIBUIÇÃO DE APOIOS (BDAA) / ALTERAÇÃO DE DADOS

Documentos a entregar	Entregue	Em falta
1. Requerimento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Cópia do Número de Identificação Fiscal	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Cópia da escritura pública de constituição*	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Cópia da publicação em DR dos estatutos*	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Cópia do regulamento interno*	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Cópia da ata referente à eleição dos órgãos sociais*	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Declaração com indicação do número de associados*	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Cópia do relatório de atividades e contas do último exercício económico*	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Certidão comprovativa da situação contributiva regularizada perante o Estado**	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Certidão comprovativa da situação contributiva regularizada perante a Segurança Social**	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

(\*) Apenas para entidades e organismos legalmente constituídos

(\*\*) Em substituição destas certidões, a CML pode consultar a situação contributiva das entidades que solicitam apoio, através do portal das [Finanças](#) e do portal da [Segurança Social](#).  
Para que esta consulta seja autorizada, é necessário que a entidade insira os dados da CML nos respetivos portais:  
Número de Identificação Fiscal - 500 051 070  
Segurança Social - 200 050 474 35

#### Legislação aplicável

Regulamento de Atribuição de Apoios pelo Município de Lisboa - Boletim Municipal n.º 711/2008, 7º suplemento, de 27 de novembro



## Câmara Municipal de Lisboa

Inscrição na Base de Dados para Atribuição de Apoios /  
Alteração de dados

### Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa

#### Identificação da entidade

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_ Código Postal \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

Localidade \_\_\_\_\_

Documento de identificação n.º \_\_\_\_\_ Validade \_\_\_\_\_ NIF / NIPC \_\_\_\_\_

Telefone \_\_\_\_\_ Telemóvel \_\_\_\_\_ E-mail \_\_\_\_\_

Contacto preferencial / Função \_\_\_\_\_

Autorizo o envio de notificações via e-mail para efeitos do presente pedido

#### Vem solicitar

Inscrição na Base de Dados de Atribuição de Apoios

Alteração de dados na Base de Dados de Atribuição de Apoios

Área de atividade:  Social  Cultural  Desportiva  Recreativa  Outra \_\_\_\_\_

#### Descrição das atividades

#### Constituição da entidade (a preencher apenas por entidades e organismos legalmente constituídos)

Data da aprovação dos estatutos \_\_\_\_\_ Data da publicação \_\_\_\_\_

Diário da República, Série \_\_\_\_\_ Número \_\_\_\_\_

Data das alterações dos estatutos \_\_\_\_\_ Data da publicação \_\_\_\_\_

Diário da República, Série \_\_\_\_\_ Número \_\_\_\_\_

#### Identificação do(s) representante(s) (a preencher apenas por entidades e organismos legalmente constituídos)

Número de elementos da Direção \_\_\_\_\_

Nome do Presidente da Direção \_\_\_\_\_

Telefone / Telemóvel \_\_\_\_\_ Mandato: Início \_\_\_\_\_ Fim \_\_\_\_\_



## Câmara Municipal de Lisboa

### Dados bancários

IBAN

BIC/SWIFT

Instituição bancária  Balcão

Carimbo e assinatura da instituição bancária (\*)

(\*) A confirmação pela instituição bancária pode ser substituída por documento onde conste a identificação do titular, IBAN e BIC/SWIFT de conta (ex. cópia de caderneta, cópia do cabeçalho de extrato, documento de internet). Não é aceite comprovativo retirado do multibanco onde não constem os elementos indicados.

### DECLARAÇÃO

1. Declaro a plena aceitação ao sistema de pagamentos da Câmara Municipal de Lisboa por crédito na conta acima referida e **autorizo expressamente o tratamento dos dados pessoais transmitidos neste formulário.**
2. Tomei conhecimento que a não apresentação dos documentos em falta terá como consequência a não apreciação do pedido.

Lisboa,

Carimbo e assinatura  
Gerência / Administração ou individual

### INFORMAÇÃO SOBRE PROTEÇÃO DE DADOS PESSOAIS

Os presentes dados serão objeto de tratamento informático.

Os dados pessoais transmitidos serão tratados nos termos da Lei n.º 67/98, de 26 de outubro, que transpõe para a ordem jurídica interna a Diretiva n.º 95/46/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 24 de outubro de 1995, relativa à proteção das pessoas singulares e à livre circulação desses dados - Lei da Proteção de Dados Pessoais.

O titular dos dados pessoais tem direito à informação, acesso e oposição, nos termos do disposto nos artigos 10.º, 11.º e 12.º da Lei da Proteção de Dados Pessoais.

Direito de informação:

- Responsável pelo tratamento - Câmara Municipal de Lisboa
- Finalidades de tratamento - Tratamento de dados com vista ao processamento de pagamentos ao requerente
- Serviço municipal com competência - Departamento de Contabilidade

